

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PESQUISA HISTÓRICA II**

**A MULHER, A FAMÍLIA E A IGREJA NA DÉCADA DE 60 EM NATAL:  
O NOVO PAPEL DA MULHER**



**ANA LÚCIA DE LIMA**

**Natal – RN  
2005**

**ANA LÚCIA DE LIMA**



**A MULHER, A FAMÍLIA E A IGREJA NA DÉCADA DE 60 EM NATAL:  
O NOVO PAPEL DA MULHER**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Sob. a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Maria da Conceição Fraga.

**Natal – RN  
2005**

**A MULHER, A FAMÍLIA E A IGREJA NA DÉCADA DE 60 EM NATAL:  
O NOVO PAPEL DA MULHER**

**ANA LÚCIA DE LIMA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> MARIA DA CONCEIÇÃO FRAGA (ORIENTADORA)**

---

**1º MEMBRO**

---

**2º MEMBRO**

**NATAL/RN  
2005**



A minha avó Rita ,uma grande mulher em todos os tempos e a minha mãe Francisca , pelo amor, Carinho, dedicação e educação que marcaram minha vida.

A meu marido, Francisco Canindé , e a meus filhos Ana karoline e caio Danilo,pela compreensão, apoio e carinho, durante minhas ausências e períodos em que foram privados de atenção e afago materno, enquanto me dedicava a efetivação deste trabalho.

A todos aqueles que contribuíram para a efetivação deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus , pela força e por está sempre presente nos momentos mais difíceis , fortalecendo-me e ajudando-me a superar os obstáculos apresentados ao longo da minha vida.

À professora e orientadora Maria da Conceição Fraga ,pela valiosíssima contribuição dada à elaboração e efetivação deste trabalho, através de esclarecimentos e incentivos que marcaram minha vida acadêmica .

Aos meus familiares, especialmente meu marido, pela companhia, apoio e compreensão a minha ausência no lar e ao seu lado, nos momentos em que me dediquei à efetivação deste estudo.

Meus agradecimentos , às mulheres depoentes, que confiaram em compartilhar comigo suas histórias de vida, em que afloraram lembranças da infância , dos amigos . Onde foi aberta uma porta de ligação com o passado, recordando momentos felizes de suas vidas, e os vivenciando novamente, emergindo lembranças que nem sempre são muito boas. Memórias muitas vezes povoadas de recordações dolorosas, em alguns casos foram reabertas as feridas que o tempo já havia cicatrizado. Em outros, despertaram a saudade de tempos muito felizes. Foram essas mulheres, fontes de inspiração, aprendizagem, admiração e crescimento para mim.

A todos os colegas e professores do Curso de História da UFRN, pela convivência, estímulo e conhecimentos passados ao longo da nossa vida acadêmica e em especial à Coordenadora do Curso de História ~~professora~~ Aurinete Girão , o anjo da guarda do corpo discente , sempre amiga e disponível para nos orientar nos mais diversos momentos.

Aos Professores Aurinete; Durval Muniz; Clyder Smith; Helder Viana; Maria Emília ; Ferdinanda; Raimundo Arrais; Luiz Eduardo Suassuna ;Roberto Airon; Almir , que além de professores foram amigos.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento e aperfeiçoamento deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

Este trabalho propõe-se a fazer um estudo sobre as mulheres , a família, a religião e as mudanças ocorridas ao longo do século XX, sob o ponto de vista social , econômico e político. Será tratada a relação existente entre a mulher e a igreja, numa época em que a teoria religiosa justificava a dominação masculina, pois para a igreja era necessário mantê-la à margem dos processos sociais, utilizando entre tantas, a teoria da justificativa natural da submissão feminina. Em decorrência de uma necessidade metodológica , a figura da mulher será situada num contexto a nível de Brasil, mais precisamente na década de 60 e com enfoque maior no social. Para tanto , é necessário resgatar e reconstruir os cenários que envolvem essas mudanças, analisando as possíveis causas e conseqüências das lutas, avanços e conquistas. O conhecimento de todas as transformações que serão abordadas permitirá traçar um paralelo entre a época em questão e a atual, provocando assim , uma reflexão sobre a condição da mulher nestes dois contextos históricos. As técnicas específicas utilizadas nesta pesquisa abrangem algumas entrevistas com mulheres que vivenciaram a época, onde foram utilizados a história oral e memórias; consultas a materiais bibliográficos , fazendo um confronto entre o resgate de memória e as fontes escritas. Para tanto, recorreu-se também a jornais, documentos e levantamento de banco de teses sobre o tema em questão.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	07
<b>CAPÍTULO I A MULHER</b>	
1.1 As mulheres no século XX :sua trajetória de luta e a modernização do País.....	12
1.2 Anos 60: mulheres, mudanças e modernidades em Natal .....	18
1.3 A mulher , a educação e a cultura no RN: o Governo de Djalma Maranhão.....	20
1.4 A sociedade natalense, o lazer e a cultura.....	26
1.5 O golpe(1964-1968), AI-5 anos de ditadura e repressão.....	31
<b>CAPITULO II A FAMÍLIA</b>	
2.1 A família na sociedade natalense, e o novo papel da mulher.....	34
2.2 O cotidiano da família . na década de 60, mulheres letradas.....	37
2.3 A mulher na estrutura familiar, sua função procriativa.....	40
2.4 As mudanças sociais da família, o matrimônio.....	42
2.5As mulheres “perdidas”, a prostituição.....	45
<b>CAPITULO III A IGREJA NO BRASIL : ANOS 60 EM NATAL</b>	
3.1 A Igreja no Brasil: sua trajetória.....	50
3.2 Sinais de mudanças: a Teologia da Libertação.....	54
3.3 O significado da religião na família, a Igreja e os movimentos populares.....	56
3.4 A imagem de mulher: o sagrado e o profano.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO A, entrevista concedida em 08 de outubro de 2004, por Maria das Neves	
ANEXO B, entrevista concedida em 09 de novembro, por Dioclésia Evangelista	
ANEXO C, entrevista concedida em 22 de novembro, por Francisca Cassimiro	

## INTRODUÇÃO

Este estudo deve ser objeto de interesse de todos àqueles que se preocupam com a questão da mulher em nosso país, em especial a mulher na história da sociedade natalense, e a sua relação com a mulher, a religião e a família no século XX.

É preciso, pois, repensar o papel da mulher, a sua condição na sociedade. Para tanto o relato e a análise de experiências podem jogar um elemento importante nessa reflexão, em busca da reconstrução de uma realidade. Neste trabalho de pesquisa, a tarefa não se limitou só, estudar a sociedade; a religiosidade; a família e o novo papel da mulher. Pretende-se também lançar um novo olhar sobre a condição feminina.

Com esse enfoque, torna-se necessário entender o social, ou se propor a uma análise, e reconstrução de uma sociedade, em um determinado período histórico, e para isto foi preciso, observar os indícios, montar o cenário político e econômico onde não houve aprofundamento por não ser o objetivo deste trabalho. Procurou-se também recuperar a presença da mulher na história, sua condição numa sociedade de uma dupla moral, que beneficiava aos homens, pois é necessário romper o silêncio, soltar-lhes as amarras, dar-lhes a palavra, traçando um esboço da sua condição e da sua luta. Este estudo conta com a contribuição de alguns depoimentos de mulheres, que vivenciaram as décadas anterior e posterior a década de 60. O presente trabalho, contém relatos do cotidiano dessas mulheres, sua vivência, seus sentimentos e emoções, além de fornecer informações que permitem reconstruir e refletir sobre a população feminina de Natal, em especial a mulher da década de 60, sua religiosidade e sua identidade.

Cabe explicitar, a princípio, que este estudo tem também como objeto de investigação a trajetória de luta e educação das mulheres, sem entretanto, desprezar o panorama político e econômico dos anos 60.



Este trabalho em seu primeiro momento definirá suas abordagens teóricas, fator de relevante importância para se produzir uma história social da mulher no Brasil, com ênfase na mulher natalense nos anos 60, as suas lutas, as transformações ocorridas em seu papel diante da sociedade e da família, e o seu despertar como mulher contemporânea.

Analisando o processo de mudança da família e do papel da mulher, esse processo converte profundamente as condições de desempenho da função reprodutiva da família e levanta questionamentos sobre a nova imagem social da mulher, no momento que essa nova mulher sai da estabilidade familiar, rompendo com modelos de época passadas, questionando os valores vigentes e moldando uma identidade própria. Por essas razões ela sai da clausura a que estava confinada durante séculos e torna-se visível socialmente.

Portanto para este estudo se faz necessário utilizarmos vários campos históricos nos quais se insere a História Cultural, dando ênfase ao conceito de cultura. Combinado a História das Mulheres e a História Social, analisando estes campos e fazendo uma ponte de conexão com a abordagem Teórica de Gênero, auxiliado pela História Oral, que será importante pelo tipo de fonte utilizada. No presente estudo serão abordados vários conceitos; pertinentes, entre eles o de cultura, sociedade, gênero e outros.

Quanto ao conceito de gênero segundo Albertina de O. Costa<sup>1</sup>: “o conceito de gênero refere-se as combinações possíveis que jogam na constituição da identidade de homens e mulheres, a sexualidade, a reprodução humana e as expectativas de comportamento, orientadas pela cultura na sociedade, as análises de gênero refere-se às relações de hierarquia ou de igualdade entre homens e mulheres[...].”

---

<sup>1</sup> COSTA, Albertina de Oliveira, BRUSSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

Neste primeiro momento é relevante voltar à teoria abordada. A postura teórica adotada nesta perspectiva de trabalho, implica na dissociação da categoria de sexo, homem e mulher, passando para uma categoria de gênero.

É importante observar que o conceito de gênero vai ser utilizado nos estudos propostos e segundo Bila Sorj:

As duas últimas décadas viram surgir, no âmbito das Ciências Sociais, um conjunto de estudos feministas que produziram uma considerável reavaliação das explicações correntes da vida social, apoiadas na experiência de mulheres e nas críticas às teorias sociais, geralmente omissas quanto a importância das relações de gênero na explicação da organização social. O conceito central que unifica esse conjunto de estudos e fornece seu argumento central refere-se à categoria de gênero e envolve, pelo menos duas dimensões. (Bila Sorj)

Ainda segundo Bila Sorj, as duas dimensões trabalhadas são: a idéia que o equipamento biológico inato não dá conta da explicação do comportamento diferenciado do Masculino e feminino observado na sociedade.

Os textos selecionados procuram abranger os domínios da história utilizado na pesquisa. E em um segundo momento, refere-se a questão metodológica, quais os métodos e técnicas utilizadas .

As técnicas específicas utilizadas nesta pesquisa abrangeram , algumas entrevistas, onde serão utilizadas a História oral e a memória, pesquisa de material bibliográfico, fazendo um paralelo entre o resgate de memória e as fontes escritas. Para tanto , foram entrevistadas algumas mulheres, que pertencem aos estratos médios da cidade, são mulheres comuns , profissionais autônomas, esposas , funcionárias públicas , com experiência em matrimônio e maternidade. As entrevistadas já exerceram alguma profissional atividade profissional fora do lar, sendo em sua maioria católicas.

Segundo Thonson<sup>2</sup>: “Com base na Psicologia Social e na Antropologia, mostraram como determinar as tendências e fantasias da memória, a importância da retrospectiva e a influência do entrevistador no processo de afloramento das lembranças.”

O resgate de memória será um recurso possível por se tratar de uma época recente, onde serão utilizadas entrevistas abertas com as testemunhas, incluindo um levantamento bibliográfico e material iconográfico sobre a sociedade e a cultura da época, fazendo a inserção da família e o papel da mulher neste contexto.

Foram trabalhadas, também as seguintes fontes: entrevistas com testemunhas que vivenciaram a época, bibliografia levantada nas bibliotecas públicas e particulares, arquivos públicos, monografias existentes no NEH e acervos particulares, onde foi possível o acesso a fotografias ou documentos iconográficos (são interessantes pelo seu valor documentário) levantamento de banco de teses sobre o tema e documentos escritos, que serão utilizados, sistematizando uma contribuição documental que enriquece a história do RN, e a história nacional.

Este trabalho apresenta a seguinte ordem de exposição:

O primeiro capítulo, que se refere especificamente às mulheres nos séculos pré e pós século XX, suas lutas e conquistas e a modernização do País. Serão analisados a década de 60, o contexto religioso e educacional no RN, e em Natal, onde abordaremos a contribuição e a interação das mulheres no período que precede o governo Djalma Maranhão, o golpe em 64 e pós 68.

No segundo capítulo, tratar-se-á de assuntos referentes à família; a condição da mulher no ambiente público e no privado; sua função procriativa e também evidenciaremos a sociedade o lazer e a cultura em Natal no século XX..

---

<sup>2</sup> THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória**: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In: REVISTA PROJETO HISTÓRICO. P.51 a 71.

No terceiro capítulo, serão abordadas as questões referentes a religião, conceitos e importância . Trajetória da Igreja católica no Brasil , a participação feminina na Igreja ; teoria religiosa de dominação masculina ; o papel da mulher no ambiente sagrado e no profano, e a imagem de mulher .



## **CAPÍTULO I A MULHER**

### **1.1 As mulheres no século XX :sua trajetória de luta e a modernização do país.**

Propõe-se neste capítulo, um novo olhar sobre a história , a história do Brasil moderno , e das mulheres brasileiras, das suas lutas e suas conquistas e sobretudo fazer uma análise das contradições presentes na sociedade brasileira, e ao mesmo tempo , refletir e analisar os problemas sociais enfrentados pelas mulheres.

O caminho do progresso passava pela razão, e pela ciência , mas ainda era de domínio exclusivamente masculino. A mulher era colocada à margem dos processos sociais ,constatação contraditória ao progresso, era a condição da mulher ,pois a exclusão das mesmas remetia ao pensamento de tempos passados.

Fazer uma trajetória histórica de resgatar os caminhos da modernidade no século XX, buscando o resgate histórico da mulher, concentrar a atenção na figura feminina, perceber as relações sociais. Buscar esses caminhos, é constatar como a mulher saiu do seu confinamento , rompendo com a família patriarcal ,em sua luta cotidiana no privado e no público, ela se insere ativamente através das suas conquistas e ao seu modo na modernidade e encontra sua realização pessoal.

Tentar entender, a inserção da mulher no espaço público , na sociedade durante o rápido processo de mudanças no decorrer do século XX, em suas vidas ante a dominação masculina, com suas ideologias , com papéis sociais predefinidos para homens e mulheres, ideologia essa que remete a uma forma de exclusão. Que anula a mulher como ser pensante. Que denunciam a existência de formas de opressão que não esta associada ou reduzida a esfera econômica, ela tem raízes muito mais profundas. Nota-se que no decorrer do tempo , a sociedade brasileira passou por grandes transformações econômicas, políticas e sociais, que refletiram nas diferentes esferas

do cotidiano da família , ocasionada por essas transformações percebemos também as mudanças na estrutura familiar , e conseqüentemente no papel da mulher.

A ideologia do progresso encantava as pessoas , tanto as da cidade como as do campo. A cidade produzia imagens e oferecia tudo aquilo que na realidade não possuía, era uma geradora de ilusões. Vítimas desses enganos eram os imigrantes fugitivos da seca em sua maioria mulheres e crianças , que deparavam no meio urbano com a falta da estrutura da cidade para absorvê-los e os marginalizavam. Esse progresso ilusório causava graves problemas sociais.

A visibilidade das mulheres, nesse momento, pode ser notadas pelas suas lutas e conquistas , no Direito ,na Literatura, e em outras esferas da sociedade, sua incursão mais assídua no trabalho externo e no cotidiano da cidade.

Conforme Alves sobre o tratamento dado às mulheres:

O código Civil de 1916, inspirado no Direito Romano, identificava o status civil da mulher casada ao dos menores, silvícolas e alienados – tornando-a portanto civilmente incapaz. Esta legislação esteve em vigor até 1962, quando foi revogada pela Lei 4121/62): modificação da condição subordinada da mulher casada, legalização do aborto, e outras; seja na criação de infra-estrutura social de apoio á mãe e á criança [...]. (ALVES.1982, p.73)

No final do século XIX, para início do século XX, ocorreram uma serie de mudanças na esfera econômica , política e social. Em 1850, o fim do trafico negreiro, onde as mulheres uniram-se aos homem na campanha abolicionista , até a completa libertação dos mesmos anos mais tarde. Foi muito importante a contribuição das mulheres na questão da libertação dos escravos.

Em 1857, a 8 de março- Dia da Mulher, faz parte de uma história de luta, Em Nova York, as mulheres saíram as ruas , foram reprimidas, com uma violência desnecessária praticada pela policia, elas protestaram contra as injustiças trabalhistas, entre outras. Depois desse confronto ,ganharam um dia em especial para serem lembradas, 08 de março ,se tornou o Dia Internacional

da Mulher. Através de uma luta constante em busca de seus direitos , as mulheres saíram do seu casulo , do seu confinamento e fizeram as suas reivindicações na esfera pública.

Em 1910, as mulheres começam a luta pelo voto feminino no Brasil, em 1919, Berta Lutz , funda a liga pela emancipação intelectual das mulheres, elas reivindicam o direito de pensar ,de ter acesso às formas de educação institucionalizadas, de expor os seus pensamentos. E nesse momento histórico que nasce o Movimento Sufragista Brasileiro, liderado por mulheres brasileiras que tiveram acesso à educação fora do País, e que trouxeram a as idéias emancipacionista, idéias estas que ao chegarem ao Brasil se fortaleceram . Entre essas mulheres encontra-se a Dra. Bertha Lutz .Em 1917, acontece uma importante conquista, a mulher é aceita no serviço público, espaço antes inacessível para elas.

Na década de 20 tivemos fatores relevantes que desencadearam profundas mudanças culturais. Em 1927, no governo de Juvenal Lamartine o Estado inclui em sua Constituição um artigo permitindo o direito de voto as mulheres, no que é seguido por reivindicações das mulheres de todo o País.

Em 1922 , o contexto do Brasil era de um país com grande parte da sua população marginalizada e um país em subdesenvolvimento. Na Semana de Arte Moderna surge uma nova linha ideológica era renovação no campo da cultura,a renovação artística acompanhava a renovação política houve uma revolução estética , promovida pela semana, em São Paulo,no teatro municipal em fevereiro de 1922, foi palco das efervescências culturais vindas de fora . Eram eles intelectuais, artistas, modernistas, que pensavam um novo País, uma revolução na cultura. Entre esses intelectuais , tivemos a presença de muitas mulheres, entre elas a pintora Anita Malfatti , mulheres muito à frente do seu tempo.

Em 1932, a luta das mulheres pelo direito ao voto chega ao fim, O presidente Getúlio Vargas , promulga por Decreto –Lei , o direito ao voto às mulheres de todo o País.Nesse ano é

promulgado o Código eleitoral onde é aprovado o voto secreto e o voto feminino (Decreto 21076, de 24/02/1932). Lembremos que as analfabetas ainda não tinham direito ao voto. Não podemos deixar de lembrar também que a história das sufragistas teve sua conquista parcial, pois já em 1927, e lembrar da importância do Governador Juvenal Lamartine para essa conquista. O Rio Grande do Norte, saiu a frente, e pela 1ª vez na história do Brasil as mulheres votaram e podiam serem votadas, o RN elegeu em 1927, a primeira mulher da América do Sul, Alzira Soriano, para a prefeitura do município de Lages. Portanto bem antes da década de 30, a mulher já participava da vida política, quando o movimento pelo voto feminino foi finalmente vitorioso em todo o País. Portanto, as décadas de 30 e de 40, foram importantes períodos de reivindicações das mulheres, onde elas foram atendidas, e agora podiam votar e serem votadas.

A Constituição de 1934 – finalmente consagra o voto feminino, passado a partir daquele momento as mulheres se candidatar a cargos eletivos a nível nacional. Ainda nos anos 30, é necessário lembrar fatos políticos importantes ocorridos nessa época. Em 1932, é fundada a Ação I. Brasileira, em 1934 é fundada a Ação Nacional Libertadora, em 1935 ocorre um levante comunista. Nesses acontecimentos políticos a presença das mulheres é um fato incontestável, algumas se tornaram muito conhecidas, consideradas como heroínas por alguns, entre elas: Olga Benário Prestes e muitas outras. E nesse contexto político já mencionado que é em 1937 se dá o Golpe, instaura-se a ditadura no Brasil sob o Governo de Getulio Vargas, é o início do Estado Novo, Começa um período de fechamento político, acaba com a participação das mulheres na política até 1945. Ocasionalmente um certo retrocesso da luta por direitos políticos da mulher.

Durante a II Guerra Mundial (1935-45), o país sofreu profundas transformações culturais e políticas, principalmente no RN, e com o fim da Guerra, o País começou a enfrentar os problemas relacionados às questões das mulheres, conjuntamente com os problemas sociais e econômicos. Em 1945 as mulheres se mobilizam, e marcam presença na esfera pública.



Quanto ao panorama da década de 50, o acelerado processo de urbanização em decorrência da migração que teve início nos anos 40, com o processo de industrialização e o crescimento econômico, nesse momento da história há um notável crescimento da indústria de bens de consumo duráveis, que mudaram os hábitos dos brasileiros, esses elementos trouxeram consigo a mudança dos valores, a mudança no papel das mulheres e a sua inserção no mercado de trabalho, paralelamente temos a introdução de duas grandes novidades no País, principalmente no cotidiano das mulheres foram: a televisão e o supermercado, fatores que desencadearam mudanças significativas nos costumes.

A televisão, em 1951, consolidou-se como um importante bem de consumo, e um excelente veículo publicitário. Tendo a princípio sua programação em preto e branco, somente em 1972 no Brasil é feita a primeira transmissão a cores, tendo acesso a esse recurso os consumidores de um bom poder aquisitivo. Foi também na década de 50, que foram fabricados os primeiros automóveis de passageiros no Brasil, esse fato não ocasionou mudanças imediatas ao cotidiano das pessoas, porque era um bem que só poucos poderiam possuir. Mas a importância dada ao transporte rodoviário acabou condenando ao desaparecimento os bondes nos anos seguintes.

As famílias urbanas, em 1952, já possuíam geladeira, rádios, máquinas de costura, bens que mudaram radicalmente o cotidiano das mulheres, facilitando seus serviços domésticos, permitindo que lhes sobrassem algum tempo para o lazer.

No período de 1945 a 1964, o movimento de mulheres, faz suas reivindicações. Entre elas esta a igualdade entre homens e mulheres, no trabalho, na política e na sociedade. As instituições sociais como a família, o matrimônio e o papel atribuído à mulher diante da sociedade, são seriamente questionados.

Em 1960, cresce mais ainda a importância da televisão, o hábito de assistir televisão é rotina nos lares brasileiros. As novelas, os programas, pouco a pouco faziam parte da vida das pessoas e a televisão entrava na casa dos brasileiros e se impunha ao longo dos anos 60 como bem essencial para todas as idades, ocasionando mudanças nos modos de vida das mulheres.

O plano de metas do Governo de Juscelino Kubitschek, visava promover e desenvolver o Brasil, esse plano incluía vários investimentos, principalmente em energia elétrica, tendo seus resultados mais significativos após 1960, levar a energia elétrica a população brasileira era muito importante, pelas inovações tecnológicas, pela modernização e desenvolvimento do País.

Nos anos 50, a rainha do lar, de comportamento discreto e bem comportada, um modelo de virtudes, a partir dos anos 60 se libera e se impõe ativamente na sociedade e reivindica sérias mudanças a nível cultural, e social. A mulher liberta-se culturalmente da proteção paterna e luta pela sua emancipação econômica.

A partir de 1964, época de desmobilização do golpe militar, algumas mulheres, no entanto participam dos movimentos de oposição ao regime, de forma ativa, bem como das manifestações e atos públicos, e da luta pela anistia. Ainda que o período fosse caracterizado por um governo ditador e repressor, as mulheres lutaram pelas suas conquistas.

O ano de 1968, foi um ano de um marco revolucionário para a emancipação da mulher, foi o ano da descoberta da pílula, as mulheres podem fazer um planejamento familiar, a pílula revolucionou o comportamento sexual das mulheres, e foi de grande importância para sua vida profissional.

Em 1975, Ano Internacional da Mulher, é promovida no Rio de Janeiro, por um grupo de mulheres, uma semana de debates sobre a condição feminina. Onde são feitas reflexões e denúncias, entre elas: a sua desvalorização, a exploração e a violência. A partir de 1980, há um importante avanço para a conquista da cidadania da mulher. As mulheres reagem diante da

violência doméstica e cotidiana, as violências sofridas no público e no privado agora são denunciadas. Nos últimos anos, lutam pelo direito de planejar o seu processo de reprodução e o controle da maternidade. Conforme avançava o século XX, as mulheres se mostram mais ativas.

As análises dos últimos anos levaram a uma reflexão sobre a condição da mulher na sociedade, ocasionando um crescimento da pesquisa sobre as mulheres, com a publicação de vários livros e pesquisas referentes a essa temática.

### **1.2 Anos 60: mulheres, mudanças e modernismos em Natal.**

Nesse momento do trabalho, apresentaremos o caminho percorrido por Natal ao encontro da modernidade. O País mudava e Natal não podia ficar indiferente a essas mudanças, evidenciamos que essas mudanças ocorreram em ritmo diferente do que ocorriam nas grandes cidades do Brasil. No período de 30, ocorreram importantes mudanças no cenário político e econômico e principalmente cultural a exemplo do que ocorria no País.

Segundo Possas (2001,p.34)<sup>3</sup>: “As transformações do espaço físico podem ser captadas pela introdução das novas tecnologias e das possibilidades de acesso ao consumo.”

Mudam-se os hábitos, os valores e a vida na cidade também mudava, obedecia novos ritmos. Notava-se as mudanças pela maneira de vestir, das pessoas e de se relacionarem. Esses elementos novos de mudança nos foram apresentados pelos meios de comunicação, entre eles, revistas e jornais. Houve uma importação até do modo de pensar, complemento de uma cultura que não era brasileira.

---

<sup>3</sup> POSSAS, Lídia Maria Vianna. Mulheres, trens e trilhos. São Paulo: EDUSC, 2001. p.34

Ainda nos anos 30, o rádio pela difusão, passa a informar sobre as transformações e costumes que começaram a se espalhar pelo País, Copiava-se o modelo de vida americano, influenciando e modificando o comportamento da população, principalmente das mulheres. Além do rádio, o bonde(1908) e o automóvel entre outros. Em Natal eram sinônimos de modernidade e status social, verdadeiros atestados de mudanças sociais tão sonhados por todos, mas só concretizados por uma pequena parcela da população.

Na década pós 40, em Natal teve como característica marcante a 2ª Guerra Mundial. A modernidade representado pela tecnologia e ciência, preenchem o imaginário tanto dos homens quanto das mulheres do meio urbano e no rural. A introdução do Dólar e dos hábitos americanos em Natal, conjuntamente com os aparelhos tecnológicos apresentados a sociedade, maravilhava e passava a idéia ilusória de um eminente progresso.

Os estudos e pesquisas, fizeram uma retrospectiva do século até, os anos 60, percorrendo a sociedade brasileira nos anos 30 e 40, concentrando a atenção sobre a figura feminina, percebendo que anos 60 também se caracterizou pelas lutas das mulheres pelos seus direitos, pela pílula anticoncepcional descoberta em 1968, que foi um passo muito grande a caminho da liberação da mulher da dominação masculina. A pílula permitia à mulher escolher o número de filhos que queria ter ocasionando a diminuição da família, revolucionando comportamentos.

A partir dos anos 60, constrói-se um novo discurso a favor da contracepção, a mulher tem o controle da natalidade, a pílula favorece a “liberação feminina”. Mas a igreja ainda condena o exercício da atividade sexual pelo prazer e não para a reprodução.

Mas essas modernidades não se deram uniformemente em todo o País, pois em meados dos anos 60 no Rio Grande do Norte, mais precisamente em Natal, encontramos mulheres que pensavam e viviam como no século passado, sendo seus destinos determinados pelo sistema familiar patriarcal e reproduzindo seus costumes e crenças para suas filhas e filhos. O estudo de

uma década é um período muito curto na história e por esse motivo , as mudanças ocorridas são poucas, levando em questão a História do RN. Sendo necessário uma abordagem pré e pós 60.

Sendo assim, atentos ao progresso e as tecnologias , procura-se expor as mudanças que a modernidade nos anos anteriores a 60 acarretaram e conseqüentemente ao novo papel da mulher, e principalmente a visão de mundo da mulher moderna.

Os automóveis desde a década de 50, transitavam por Natal. Portanto ,se verifica a preocupação dos prefeitos em criar condições para o transito desses automóveis , em decorrência do aumento da sua aquisição pela população natalense.

Em 1960, Natal já possuía telefone, com uma central localizada na rua Princesa Isabel,mas nem toda a população tinha acesso a esses aparelhos. A preocupação com a modernidade foi característica dos prefeitos dessa década , percebe-se isto pela transformação do espaço físico.Em 1962, com Djalma Maranhão na prefeitura ,a rua João Pessoa teve alguns trechos asfaltados, em conseqüência do tráfego pela cidade, mostrando os indícios das inovações tecnológicas e das possibilidades de acesso a essas tecnologias. Essas inovações afetaram radicalmente a vida da população natalense.

Em 1966, o prefeito Agnelo Alves, asfaltou e iluminou a rua Ulisses Caldas, com lâmpadas vapor de mercúrio. O brilho das luzes remetia a idéia de progresso .Com a modernidade, o tempo passou a impor um novo ritmo ao cotidiano e novos hábitos à população natalense e se apropriou das relações sociais redefinindo formas de conduta e convenções. Nas décadas seguintes ,Natal passaria a viver outras práticas políticas,ideológicas e culturais.

### **1.3 A educação das mulheres e a cultura no RN: o Governo de Djalma Maranhão**

As mulheres por muito tempo foram condenadas ao analfabetismo e a ignorância , sendo colocada à margem do mundo letrado, mas algumas mulheres reagiam a esse destino e se

tornavam autodidatas, e tentavam penetrar no mundo do conhecimento e da literatura. Como personagens fortes elas invadem também a prosa e a literatura ,como Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Em 1810, nasceu uma pioneira da arte da escrita , Nísia Floresta, nascida no RN. A mais destacada intelectual brasileira do período. Ela fez um trabalho de conscientização da condição de exploração que vivia a mulher.

Na metade do século XIX, as oportunidades educacionais para as mulheres eram limitadas mesmo nos grandes centros urbanos, apesar do progresso uma pequena parcela da população feminina tornou-se alfabetizada. A educação era um privilégio de poucas , principalmente das que tinham condições financeiras. Costumava-se no seio das famílias ricas educarem as meninas em casa e não em escolas. As mulheres tinham suas leituras fiscalizadas pelos pais, era limitado e censurado o seu mundo de conhecimento.

Em 1871, incentivou-se no Brasil o ensino público de formação para o magistério, aceitava-se assim a participação feminina. Cinco anos depois nasce Auta de Souza , em 1876, em Macaíba. Uma poetiza que teve uma breve existência , mas que soube registrar seus sentimentos e pensamento sobre a vida em suas poesias.

Em 1879 , o governo brasileiro abriu as portas das instituições de ensino superior às mulheres, mas poucas mulheres puderam ter acesso ao ensino superior, particularmente nas cidades pequenas.

Nasceu Myrian Coeli, em Manaus, em 1926, vindo depois a residir em São José de Mipibu. Foi professora e Jornalista, escreveu poesias e versos entre outros , lançando seu primeiro livro de versos na década de 60.

Em 1929, Palmira Wanderley declara seu amor por Natal, em doze poemas contidos no livro "Roseira Brava". A poetiza revela toda sua intelectualidade e sensibilidade nas suas

poesias, ela revela através de um olhar especial , os mais belos lugares de Natal. Neste mesmo ano nasce em Nova Palmeira, na Paraíba Zila Mamede, vindo depois residir no Rio Grande do Norte. Produziu muitos trabalhos literários ,principalmente poesia. Faleceu em 1985 em Natal.

Era tarefa muito difícil para as mulheres de classe social mais baixa freqüentar a escola, por ser muito dispendioso e pouco incentivado.

A mentalidade masculina predominante na época era de que as mulheres não necessitavam estudar ,pois suas atividades deveriam se limitar a suas próprias casas, aos cuidados com a sua família, limitando-se assim ao papel conferido pela sociedade. Lentamente essa realidade vai mudando ao longo do tempo. As mulheres passam a assumir algumas profissões, mas sempre em posição subalterna ao poder masculino.

Para entendermos, as mudanças culturais , os questionamentos e a rebeldia dos anos 60, faz-se necessário retroceder na história partir de indícios , de detalhes , que por ventura tenha passado despercebido ao olhar menos atento dos historiadores que já a tenham estudado.

Tomemos como ponto de partida a década de 50, que caracterizou-se pela rivalidade entre dois modos de vida diferentes: o modelo americano, o adotado pelo País e o Soviético . Durante o final da década de 50 para início de 60, pessoas de todo o mundo questionaram esses dois modos de vida, surgiram movimentos de contestação , que se espalharam pelo continente durante os anos 60.

No Brasil , diferentemente dos outros países capitalistas , as contestações tiveram outras características e formas , conforme a particularidade de cada região. Após a morte de Getulio Vargas, em 1954, Café Filho assumiu o poder e foi substituído em 1955 por Juscelino Kubtschek. O Brasil viveu nessa época a um novo impulso industrial, a implantação de um novo modelo de economia , rumo ao desenvolvimento.

Portanto, o panorama do final dos anos 50 para início da década de 60. foi caracterizado por

um período de crise econômica e questionamentos de valores culturais pela sociedade .

No aspecto cultural, Os jovens tentaram impor seu novo estilo de vida, totalmente divergente dos padrões sociais e os valores vigentes . Lideraram movimentos que ia contra a cultura dominante. Portanto para entender as mudanças culturais e questionamento, faz-se necessário uma análise em todos os seus aspectos.,que nos possibilitem uma explicação de uma realidade em questão.

No aspecto econômico, houve a desvalorização da moeda, inflação, custo de vida muito alto e dívida externa . Conseqüentemente temos os problemas sociais acarretados por estes fatores, o homem do campo foge da miséria e procura nas cidades melhores condições de vida. As exigências do sistema capitalista trouxeram a derrota do candidato de Juscelino nas eleições presidenciais de 1960, o seu candidato não consegue ser eleito. Ganha Jânio Quadros, que tenta um golpe e assume João Goulart que é derrubado em março ,de 1964 por um golpe civil – militar.

Segundo Marlene Mariz (1991)<sup>4</sup>:



No que se refere a Natal, é importante que se destaque nos anos 60 a administração de Djalma Maranhão na Prefeitura da Capital do Estado autentico líder populista que marcou a política do seu tempo, jornalista ,nacionalista e socialista, homem de classe média sem nenhuma ligação com qualquer grupo econômico forte , deixou marcada a sua administração com iniciativas como “A Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler” coordenada pelo professor Moacir de Góis , secretario de educação do município , que visava a erradicação do analfabetismo na cidade de Natal. Ressalte-se que o índice de analfabetismo na população acima de 14 anos, na época era a mais alta do Nordeste, 59,97%.Baseado no método de Paulo Freire, a Campanha de alfabetização surgiu da aspiração popular. Por outro lado, apoiou e valorizou sobremaneira a cultura popular e o Folclore local (MARIZ,1991).

Analisando o período anterior a 1964, observa-se que a sociedade brasileira vivia um período extraordinário de mudanças culturais e sociais , o mundo estava mudando num ritmo

<sup>4</sup> MARIZ, Marlene da Silva e SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte**. Natal:Sebo vermelho,2001



muito acelerado , havia uma efervescência democrática . As pessoas manifestavam suas opiniões políticas, estas faziam parte do cotidiano das pessoas, nos espaços públicos e privados.

A Igreja católica desenvolvia atividades políticas intensas. Podemos dizer que essa agitação política atingia todo o país, ainda que a maior concentração dessa agitação estivesse nos grandes centros urbanos.

Em 1964 , a Marcha da Família com Deus Pela Liberdade, tinha como componentes: empresários, militares, padres e principalmente a presença de mulheres. As freiras , padres e donas de casa, católicas não, que fizeram uma passeata anti-comunista pelas ruas de São Paulo, que contribuiu para a derrubada de João Goulart. A Igreja tinha grande influência nas questões políticas , além das outras esferas da sociedade e fazia suas intervenções.

Apesar de todo caminho percorrido pelas mulheres , ainda era um passo muito pequeno , em relação à sua participação política e conseqüentemente para as mudanças da condição feminina, pois se tratava de uma parcela mínima da população natalense.

Conforme Marques<sup>5</sup>: “A presença da mulher nos momentos de mudanças profundas na história da humanidade é incontestável , em cada participação, há um novo passo na luta pela liberdade e igualdade”.(MARQUES,1991,p.20)

Segundo Ivoneide Lima de Góis (2000) , que apresentou um trabalho para o periódico Paradigma Mulher.

o trabalho trata da participação feminina em cargos políticos a nível local e mostra dados estatísticos que comprovam esta participação. Inicia por uma retrospectiva histórica que resgata a historia política do RN no tocante ao gênero feminino. Baseados em estudos históricos e bibliografias, situa a emergência do voto feminino no RN e no Brasil, analisando fatores que permitiram a emergência da mulher na cena política .

---

<sup>5</sup> MARQUES,Ademar,:BEIRRUTTI.: FARIAS.História contemporânea através de textos. São Paulo: contexto.1991

A realidade da sociedade natalense na década de 60 é que uma maioria de mulheres não fazia parte da sociedade letrada, a mulher ainda se confinava ao espaço doméstico com algumas exceções, ainda permanecia a mentalidade da mulher submissa, administradora do lar e responsável pela educação dos filhos, e cabe ao homem o papel de provedor da família .

Essa mudanças de mentalidade perdurou mais do que o registrado pela história, pois as mudanças no Direito, na Política e nas esferas sociais, se deram a passos lentos, o acesso à educação, ao sonho de realização profissional, para muitas permaneceram só um sonho .

Ao analisar o depoimento de algumas mulheres, a impressão é que estamos diante de uma história de vida de um período bem anterior aos anos 60 e nos custa acreditar que existam mulheres à margem deste cenário de mudanças e transformações .

Segundo depoimento de Francisca Cassimiro de Lima (2004), em entrevista concedida sobre a educação de algumas mulheres:

Eu comecei estudar não lembro a idade que tinha, mas era muito pequena, estudava numa escolinha qualquer, ai depois minha mãe me tirou , pois ela era muito católica, muito religiosa, ela não queria me deixar estudar na escola do Estado nem do município ,então me botou numa escola Instituto Irmãs gêmeas , e lá eu terminei o meu 1º grau, e como lá não tinha o segundo grau, só no estado, mas só tinha a noite, eu tinha quatorze anos, minha mãe não deixava estudar a noite.

Meu pai aprendeu a estudar pedindo a lição a um e a outro, ia para o roçado com a carta do abc debaixo do chapéu, quando ele sabia que tinha alguém que sabia ler ,ele pedia que a pessoa ensinava alguma coisa, que letra era aquela, assim ele aprendeu a ler e escrever, ele aprendeu assim, ele nunca foi a escola.

Minha mãe nunca foi a escola, não é alfabetizada, ela teve onze filhos morreram 03 , dois homens e seis mulheres ,eu sou a mais velha. (LIMA, 2004))

A sociedade brasileira nos anos 60 valorizou a mulher casada; a rainha do lar; submissa,; mãe virtuosa com atitudes e comportamentos discretos ; opinando de preferência nos afazeres domésticos ; falando somente o necessário ; confinada a cozinha e deixando os espaços públicos e a sala para uso dos homens. Ela o modelo de mulher imposto pela sociedade.

Tivemos nesse período em Natal e em todo o Brasil mulheres letradas que conseguiram se tornar visíveis socialmente .Seria incorreto supor que as mudanças na sociedade natalense se deram por igual a todas as mulheres.Podemos até dizer que as que se destacaram

profissionalmente e culturalmente foram em menor numero quando comparadas as que foram excluídas dessas mudanças, as que ficaram à margem e permaneceram confinadas aos seus lares. São elas as mulheres das camadas sociais menos abastadas , as que demoraram a livrar-se das amarras do lar, do jugo da dominação estrutural.

Ao longo desse trabalho percebe-se acentuadas diferenças na forma de pensar , viver e sentir o mundo. Existe diversas diferenças sociais e culturais no período em questão, principalmente no que se refere ao novo papel da mulher.

#### **1.4 A sociedade natalense o lazer e a cultura**

Para se entender o coletivo, o cultural, ou se propor a uma análise , ou até mesmo a reconstrução de uma sociedade, em um determinado período histórico, faz-se necessário a observação dos indícios, percepção das singularidades e particularidades que nos mostram o mundo, mais especificamente o interessante mundo das mulheres.

Para tanto, foi feita uma reflexão sobre o social , o cultural, o político e o econômico. Estes dois últimos sem um aprofundamento, mas mencionados quando se fizer necessário. Dando ênfase a cultura. Não se deve esquecer que o fator cultural influencia idéias e comportamentos da sociedade e das mulheres.

São portanto , as instituições , elementos importantes em uma sociedade que levam a uma análise individual, ou melhor são elementos que nos permitem uma explicação para uma realidade em estudo.

Para que sejam entendidas as mudanças ocorridas com grupos humanos, em especial as mulheres, em um determinado período da história, faz-se necessário um olhar atento aos indícios que foram encontrados. Com essas reflexões, faz-se oportuno retomar a trajetória proposta. Durante os anos 60 as pessoas, principalmente os jovens , questionavam esses dois modos de vida

,foi um período fértil em movimentos de contestações, em varias esferas da sociedade, principalmente de mulheres e universitários.

Os anos 60 foram anos de intensa rebeldia, mudanças , políticas , econômica e sociais,lutas por direitos das mulheres onde Natal foi palco de uma efervescência cultural também vivida em todo país. As mulheres já dominavam o campo literário, e produziam cada vez mais livros. As revistas que circulavam eram tinham como publico alvo , as mulheres eram elas: “Careta, Fon-Fon, Revista da Semana, Jornal das moças e Vida doméstica entre outras.

Não se pode falar da sociedade natalense negligenciando os espaços de cultura e de lazer, onde as relações sociais se desenvolvem, tomam vida .

Conforme João Batista Machado:

O “rock n’ roll” fazia a alegria da juventude nos “assustados” e nas telas dos cinemas da cidade. Jovens mascando chicletes e usando blusão à moda James Dean, escandalizava os conservadores com os passos eróticos do novo ritmo alucinante. Um velho choque quebrava a monotonia de uma província pacata que preferia os velhos boleros românticos e tangos falando de tragédia , amor e traição àquela nova maneira de dançar agitada, com a parceira distante do contato corporal. (MACHADO,1998,p.175)

Alguns espaços públicos de lazer são socializados, outros são de domínio exclusivo masculino. No ano de 1960, Natal era ainda uma cidade pequena de hábitos interioranos, influenciada também pela cultura do interior. Porém é uma cidade de grande movimentação política, era palco de disputa entre os correligionários Aluízio Alves e Djalma Marinho. Havia um lugar de concentração masculina ,onde as conversas sérias e os boatos fluíam livremente, era o “GRANDE PONTO” ponto de encontro de pessoas comuns e de políticos , era um espaço de lazer masculino de Natal , encontro informal da população onde os a classe política fazia questão comparecer. Este espaço localizava-se entre a Rua João Pessoa e a Princesa Isabel.

Outro espaço público predominantemente masculino, ponto de convivência humana , onde as relações sociais se faziam através da oralidade era o Clube Carneirinho de Ouro- Clube de lazer fundado em 1936,onde alcançou grande prestígio nas décadas de 40 a 60. onde a

clientela era formada por comerciantes que se divertiam jogando, ou simplesmente jogando ou simplesmente conversando .

Havia também em Natal, um café chamado de “Cova da Onça”. Este estabelecimento sobreviveu da década de 20 até o pós II Guerra, era lugar preferido de encontro de alguns políticos e profissionais liberais para suas conversas.

O Café São Luiz, ponto tradicional localizado na Cidade Alta, no início dos anos 60, transferiu-se para o local onde se encontra até hoje , na rua Princesa Isabel. A cidade cresceu ao longo dos anos, mudaram-se os costumes, mas o café São Luiz sobreviveu através dos tempos. Resistiu à modernidade, consolidou-se como ponto de lazer , de encontro entre amigos, onde freqüentam transeuntes , aposentados, políticos. É um espaço de vivência onde há muitas estórias para se contar. Há décadas esse local é ponto de encontro para debates políticos, fofocas e outras conversas , é um reduto de lazer masculino. As relações de socialização eram através da oralidade.

A forma de lazer do homem e da mulher era diferente, embora em alguns casos eles compartilhassem alguma atividade de lazer. Apesar de muitas mudanças em relação a tempos mais remotos ,a mulher dedicava-se ao trabalho doméstico ,absorvida em seus afazeres restava-lhes pouco tempo para diversão ou para obter informações culturais. Faltava à mulher espaços onde ela pudesse realizar o seu lazer, ou melhor, faltava a inclusão da mesma nos espaços de lazer masculinos, onde os dois pudessem desenvolver um conjunto de atividades sociais em comum. Daí a grande importância dos Teatros, do cinema, entre outros. O tempo de lazer do marido era utilizado para ler o jornal, ver TV, ir a jogos, principalmente futebol, nas tardes de domingo.

Em Natal, as pessoas cultivavam o hábito de sentar nas calçadas à noite e conversar com os vizinhos. As moças namoravam sob a vigilância dos pais . Para o lazer da família

Natal, contava na época com alguns clubes sociais, o Aéreo Clube, o AMERICA e o ABC. Esses clubes, eram freqüentados pela alta sociedade natalense, eram os clubes de elite. No Bairro do Tirol havia ASSEN e Albatroz dos Sub oficiais.

Haviam também os clubes freqüentados pela população mais simples, entre eles o Alecrim Clube, localizado no Bairro do Alecrim.

Conforme João B. Machado: “ O Alecrim Clube, no Bairro do mesmo nome, era freqüentado pela classe média baixa. Existiam ainda os Clubes ASSEN dos Sub oficiais e Sargentos do Exército e o Albatroz dos Sub oficiais e Sargentos da Aeronáutica, ambos no Bairro do Tirol”. (MACHADO, 1998, p.175)

As mudanças nos costumes, principalmente no que se refere às mulheres, nota-se no uso de roupas de banho, cada vez menores. Nas praias corpo se expunha nos biquínis e maiôs. As praias eram freqüentadas pelas famílias, que aos domingos tomavam banho de mar, vale salientar que a princípio era utilizado como tratamento de saúde, As praias mais freqüentadas eram: Praia do Meio, Areia Preta e a do Forte, e as mais afastadas como a Redinha, Ponta Negra e Pirangi, eram preferidas pelas famílias mais ricas de Natal, onde passavam o verão.

Nos anos 60, uma forma de lazer predileto da sociedade natalense, era o cinema, é importante um relato dessas empresas cinematográficas que se instalaram nos principais bairros de Natal no século XX, dando ênfase aos da década de 60.

O Cinema Majestic, proporcionou durante muitos anos diversão e cultura a população de Natal. Na época era muito freqüentado. O Royal Cinema, localizado na esquina da Vigário Bartolomeu com a Ulisses Caldas. Era uma atração cultural na cidade, que proporcionava horas de lazer às famílias natalense. No Alecrim foram eles: O Cinema Alecrim (1918), O Cine José Augusto (1923), O Cine Teatro São Pedro (1930). Não podemos esquecer também o Cine São Luiz, O cine São Sebastião e o Cine “ Olde” (1970). Na Deodoro encontramos o cine “Rio

Grande”(1949), lembremos que durante a segunda guerra, os filmes eram exibidos em praça publica, ao ar livre, o que permitiu o encontro das pessoas ricas ou pobres com o cinema, despertando o gosto pela arte que maravilhava a todos. Somente a partir de 1931 se viu pela primeira vez um filme falado.

Nos anos posteriores lentamente o cinema entra em decadência, devido as novelas da TV, e as fitas de Vídeo cassete, a modernidade sucumbiu o cinema. A cidade foi criando novas opções de lazer. Com relação ao teatro, outra forma de lazer e cultura dos anos 80, é importante destacar a presença marcante de três protagonistas: Inácio Meira Pires; Sandorval Wanderley e especialmente Jesiel Figueiredo, teatrólogo que levou essa forma de cultura á população rica e pobre de Natal.

No campo literário : as produções eram abundantes , haviam varias revistas femininas, publicações de poesias . As mulheres escreviam artigos em jornais, expunha suas idéias publicamente, coisas impensáveis em outras épocas.

No campo cultural pré e pós 60 essas importantes mudanças de hábitos e de valores , ocasionada também pelas alterações das condições de vida. A vida urbana mudou rapidamente a partir da 2ª Guerra . Natal teve um grande impulso nesse sentido e com o fim da Guerra passou por vários problemas sociais. E essas mudanças estavam se refletindo na moda, na música, no comportamento. Nos anos 50 , a Rua Dr. Barata na Ribeira era considerada o local de comércio mais valorizado de Natal, onde se localizavam as casas de moda, em que senhoras passeavam a procura de novidades na moda. Todas essas imagens remetem a uma visão de progresso, fatos do cotidiano que devem ser lembrados por fazerem parte da memória e história de Natal. A presença das mulheres no espaço urbano, no público e nos espaços de lazer, conduziu a sociedade a pensar e rever os seus valores, valores estes injustos e fortemente enraizados sobre a condição feminina. Questionava-se o lugar de permanência das mulheres.



### 1.5. O golpe (1964-1968) os anos de ditadura e repressão:

Entre 1964 e 1968, os militares mantiveram o controle do poder político no Brasil , empregavam métodos desumanos para vencer àqueles que fossem por ventura contra o regime ou questionassem o mesmo, faziam uso da censura , prisões, torturas físicas e psicológicas e execuções de presos políticos ou de qualquer outro cidadão, que pudesse servir de exemplo a população. Utilizavam -se também a cassação de direitos civis. O slogan “Brasil, ame-o ou deixe-o”, era um aviso muito claro, as mulheres de presos políticos que para continuarem vivas se exilavam no exterior. Além disso a força dos militares se fazia sentir a todos aqueles que fossem considerados perigosos ao regime. Homens ou mulheres.

Durou vinte anos (1964-1984), o golpe de Estado que deu início a um período de ditadura sob o comando dos militares, exatamente a partir de março de 1964, a história do Rio grande do Norte e de todo o Brasil iria conhecer um período triste da sua história , caracterizado pelo medo, repressão e violência .

Segundo Marlene Mariz,:

Essa fase de ditadura e repressão, que não foi homogênea , nem uniforme, caracterizou-se por três diretrizes básicas: O rompimento da normalidade Institucional, com a gestão dos militares no estabelecimento e no funcionamento dos três poderes básicos: Executivo, Legislativo e Judiciário, excluindo-se assim o Estado de Direito. As restrições e mesmo a exclusão da participação do Conjunto da população no processo político. (MARIZ,2001)

Em 1965 Aluizio Alves , o então governador do RN, considerado como grande líder do povo iniciou a campanha para sua sucessão, apoiando o Monsenhor Walfredo Gurgel, contra o ex-governador Dinarte Mariz, indicado pela UDN.

Segundo Marlene Mariz:



venceu as eleições Monsenhor Walfredo Gurgel, natural de Caicó, líder pessedista do Seridó, vice de Aluizio Alves em 1960. como companheiro de chapa escolhera o presidente regional do PTB, Clóvis Coutinho da Mota. Sábio e profundamente fiel aos amigos, assumiu o poder em Janeiro de 1966 com a decisão de continuar a obra de seu antecessor, completando a infra estrutura do Estado e lutando para implantar uma política sacerdotal e o seu grande equilíbrio emocional, transformou a agitação do palácio do governo em uma política amena e organizada, diferente dos anos anteriores. Não perseguia os adversários, nem tampouco beneficiava os correligionários”.( Mariz, 2001)

Segundo José Wellington Germano:

O início da década de 60 (1960-1964) foi pródigo no que diz respeito ao aparecimento de movimentos e campanhas de educação que propunham desenvolver práticas alternativas à educação convencional. Foi nesse período em que, por exemplo, Paulo Freire desenvolveu as suas experiências e sistematizou o seu conhecido método; surgiu o Movimento de Educação e Base (MEB) e o Movimento de Cultura Popular (MCP) deitava suas bases em Recife. Esse também foi o período em que despontou e se desenvolveu em Natal (RN), a Campanha “De Pé No Chão Também Se Aprende A Ler”.

Ainda segundo Germano<sup>6</sup>. “o movimento militar de 1964, entretanto pós fim à Campanha”De Pé No Chão Também se Aprende a Ler”, debaixo de severa repressão”.

Em 13 de dezembro de 1968, o País foi presenteada com o ATO INSTITUCIONAL Nº 5 (AI-5), e com o Ato Suplementar 38. Este último dava o golpe final na democracia, ele colocava o Congresso em recesso por tempo indefinido.

O país iria conhecer a opressão e a violência de um povo, que apesar de tudo tinha esperanças no futuro melhor e por isso muitos lutaram e muitos perderam suas vidas, foram obrigados a deixar a sua família e o seu país, quando não eram assassinados nele.

No mesmo ano que foi imposto o AI-5 pelos militares a todos os cidadãos brasileiros, a mulher não recuou em sua trajetória de conquistas, ela tornou-se mais atuante, revelou-se em toda sua plenitude, nada pôde deter os seus avanços. Em meados de 70, as mulheres faziam jornalismo em pleno reinado do AI-5, haviam as militantes políticas, as que foram perseguidas pela ditadura, por terem um modo de pensar perigoso para o Estado. No País surgia uma nova estrutura na família urbana, surgia um novo papel na estrutura família para a mulher, ela não se

<sup>6</sup> GERMANO, José Wellington. **Lendo e aprendendo: A campanha de pé no chão**, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1989

rebelou em vão, apesar de ser muito forte a resistência do conservadorismo, em todas as esferas da sociedade.

É importante conhecer o pensamento de alguns políticos do RN, sobre o AI-5.

Segundo Jessé Freire<sup>7</sup>(1979):

Sobre o Ato Institucional ,afirma o senador Jêsse Freire ,que está na Constituição brasileira que o árbitro para decidir a continuação ou não do AI-5 é o presidente da República.Auxiliado pelos órgãos de segurança é ele que saberá da oportunidade ou não da revogação do Ato Institucional número 5.

Quanto as cassações, segundo Dinarte Mariz: “A respeito das cassações havidas no Rio Grande do Norte, alijando da vida pública o ex-governador Cortez Pereira e o ex-deputado federal Ney Lopes de Souza; disse o senado: não quero me referir ao Ato , só tenho a lamentar o acontecimento.”<sup>8</sup>

Nos anos 80, a sucessão do General João Batista Figueredo, marcaria o fim do regime militar. Em abril de 1989, chega ao auge a Campanha Popular por eleições diretas, mesmo assim o Congresso ainda escolhia o Presidente. Em 1985, Tancredo Neves foi eleito, mas não governou, pois faleceu antes de assumir o cargo. Foi substituído por seu vice José Sarney aliado dos militares. Em 1989, somente a partir deste ano seriam retomadas as eleições diretas para Presidente da República. Pois a eleição direta não podia mais esperar, os brasileiros tinham urgência.

E ainda hoje, mulheres, esposas, mães e filhos, choram a ausência dos seus ,que foram executados pelo regime. E os que permaneceram vivos tem recordações dolorosas, traumas do período político mais cruel e desumano da história brasileira.

---

<sup>7</sup> MACHADO, João Batista. **DE 35 ao AI-5**. Mossoró : Gráfica ASTECAM, 1979.

<sup>8</sup> Idem p.335

## **CAPÍTULO II: A FAMÍLIA**

### **2.1 A família na sociedade natalense, e o novo papel da mulher**

Os estudos e pesquisas à cerca da família brasileira são recentes, pois até pouco tempo quase nada era documentado sobre as mulheres, a organização e estrutura familiar, só recentemente tornou-se interesse de estudo nas mais diversas áreas do conhecimento.

A família brasileira é um espaço de socialização, de divisão de tarefas. É também um lugar de vivência, onde acontecem as relações de afetividade e um lugar de reprodução de valores. Foi o interior da família que era patriarcal durante muitos anos lugar de confinamento da mulher durante muitos anos. A mulher vivia em função do lar e de seus membros em completa invisibilidade social.

A família na sociedade natalense no início do século XX, tinha como figura principal o homem, o chefe da casa, a quem cabia as decisões do direito e da justiça e a função de provedor. À mulher cabia as tarefas domésticas e a maternidade. Além da educação dos filhos ela também tinha o papel da sensibilidade, da afetividade no seio da familiar.

Constata-se que a partir dos anos 50, em Natal aconteceram mudanças na estrutura e na função da família. Essas mudanças se referem à condição da mulher, na sua educação, costumes e mentalidade e conseqüentemente, na origem de um novo papel diante da família e da sociedade na qual está inserida.

Antes de 1960, as modificações foram mínimas. A mulher era desprovida de vontade própria. À margem dos processos sociais. A organização social e a estrutura familiar, era praticamente a mesma, confinadas ao ambiente doméstico, sob a proteção masculina, seja na figura de um pai ou marido. As que eram alfabetizadas tinham suas leituras supervisionadas e censuradas. Em suma, a mulher era vítima de uma complexa rede de repressão que as

subjugavam, a repressão estava contida no cerne da própria sociedade que tinha papéis pré definidos para homens e mulheres.

Segundo Câmara Cascudo<sup>9</sup>: “As visitas eram anunciadas previamente porque indo mulheres, transformava-se no clássico passar dia, trocando a roupa de saída por uma mais cômoda e ajudando nas tarefas domésticas. Os homens, sentados graves, conversavam na sala de visita [...]”(CASCUDO, 1999,P.87)

Era uma imagem difícil de romper ,apesar do clima de modernidade dos anos 50, e das novidades que introduziram novos hábitos nos anos 60.

Ainda Conforme Cascudo<sup>10</sup>:

As transformações vieram lentamente, com a navegação direta, na influência francesa do chapéu alto, do casaco de talho mais apertado. Natal,cidade pobre, não tinha exigências. A obrigação da roupa bonita era dominical, para ver a Deus, para assistir às festas religiosas.” (CASCUDO, 1999, p. 87).

Quando ainda não tinha energia elétrica , a escuridão isolava as famílias, tornando-as mais próximas, permitindo o diálogo entre seus membros. Tendo a chegada da energia elétrica desempenhado importante papel na mudanças das relações sociais ocorridas em Natal, mudaram-se costumes, criaram-se novas práticas.

Segundo Cascudo:

Na noite de 29 de junho de 1905 a Empresa de Iluminação a Gás Acetileno, gerida pelo farmacêutico Francisco Gomes Vale Miranda, inaugurou os serviços públicos. O primeiro trecho apareceu banhado de luz. Ia da praça Augusto Severo ao Quartel do Batalhão de Segurança esquina da rua Frei Miguelinho ( nesse tempo 13 de maio) com a Silva Jardim. (CASCUDO,1999, p. 301)

Como as mudanças são resultados de uma necessidade humana, chega a luz elétrica, substituindo os lampiões e traz com ela a “modernidade”; que muda o cotidiano das famílias.

<sup>9</sup> CASCUDO. Luiz da Câmara. *História da cidade do Rio Grande do Norte* . Natal (RN): RN Econômico , 1999, P. 87 ,496 p.

<sup>10</sup> Ibidem, p.87

A modernidade através de um novo elemento, a energia elétrica, teve um papel muito importante na introdução de novos hábitos de consumo, como o rádio, a geladeira e a televisão, na família natalense. Antes o principal meio de comunicação era o rádio (início do século XX), depois com a vinda da televisão (década de 50) a mudança nos valores e costumes do cotidiano da família foi inevitável, a mulher sofreu mudanças na forma de vestir, pensar e ver o mundo, principalmente através das telenovelas (1960-1970), que reduziu o diálogo no seio da família, e inseriu nos lares brasileiros uma nova forma de pensar, modificando a mentalidade e sensibilidade feminina, era um novo mundo entrando em seus lares.

A luz elétrica também permitiu um certo conforto às donas de casa, com o uso de eletrodomésticos na década de 60 a 80. Já na década de 60, um significativo número de mulheres confinadas ao ambiente doméstico realizava trabalhos remunerados no próprio lar. Temos nesse período em Natal uma nova realidade, passa a mulher a sofrer uma sobrecarga de trabalho, em decorrência de sua inserção no mercado de trabalho.

É visível a desvalorização da força de trabalho das mulheres, pelo capitalismo e pela manipulação ideológica das instituições sociais. Os eletrodomésticos facilitavam as tarefas diárias, lhes sobrando um pouco de tempo para dedicar a algum lazer, lembrando que as mulheres de uma condição econômica privilegiada é que dispunham desses bens, pois as mulheres mais pobres ainda cozinhavam com carvão e passavam a roupa com ferros à brasa de carvão. Quando lhes restava algum tempo após as tarefas do dia, algumas freqüentavam cursos a noite, quando o marido as permitiam, outras se encarregavam das obras sociais da igreja.

A participação da mulher como força de trabalho externo, tem se modificado. Seu papel social de responsável pelos serviços domésticos, pelos cuidados com os filhos, ocasionam uma sobrecarga que podem ser diminuída. Porém dificilmente compartilhada com o marido, levando

-as assim, a enfrentar dificuldades na prática cotidiana, para conciliar sua realização profissional e seu papel social de dona de casa.

Encontra-se a mulher pós 60 , com dificuldades de conciliar seu novo papel frente a sociedade, por falta de espaço para se realizar profissionalmente em condições de igualdade com o sexo masculino e ainda ser mulher , mães em toda sua feminilidade.

## 2.2 O cotidiano da família na década de 60, mulheres letradas.

Para entendermos o cotidiano da família natalense se faz necessário utilizarmos a citação de João Batista Machado<sup>11</sup>: “ Natal era uma pacata cidade provinciana de apenas 162.537 habitantes. O Estado tinha uma população de 1.157.258 habitantes distribuídos entre a capital e 38 municípios , 129 distritos e 46 vilas”. (MACHADO, 1998)

No aspecto econômico, o termo industrialização era completamente desconhecido á população. Havia pequenas fábricas em Natal , e o Estado possuía uma pecuária pequena sujeita a fatores climáticos , conseqüentemente à secas periódicas. Era predominantemente agrícola.

Na década de 60, a estrutura familiar acentuou as mudanças que começaram ocorrer nas décadas anteriores. Mudanças essas que tiveram origem desde a 2ª Guerra Mundial, com a vinda dos americanos a Natal. O país integrava-se à modernidade. Porém as mulheres permaneciam excluídas. Era Natal um campo para poucas privilegiadas, elas ainda encontravam muitos obstáculos a serem vencidos.

O cotidiano das mulheres natalenses variam de uma camada social para outra, as mulheres mais simples ,de origem humildes cabia a rotina com o trabalho doméstico . Á noite as famílias tinham o hábito de colocar cadeiras nas calçadas para por os assuntos em dia,as relações

---

<sup>11</sup> Machado, João Batista, 1960 :Explosão de paixão e ódio, Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1998.

sociais se davam através da oralidade com os vizinhos e amigos. Um hábito antigo, herdado de seus ancestrais, oriundos do interior do Estado. Cabia à mulher o cuidado com os filhos e a sua educação, principalmente das meninas, a mãe e intermediadora dos problemas da família, dos assuntos do ambiente doméstico. Os filhos passavam o assunto para a mãe e esta por sua vez passava-os ao pai. A educação das meninas era diferenciada dos meninos, em sua maioria, as mulheres não eram alfabetizadas.

Segundo Constância Lima Duarte:

E as mulheres – escritoras tiveram também, de algum modo de praticar a “inconstância”, em relação à sua educação como meninas, “educadas para os homens”, em relação às lições para serem “hipócritas e dissimuladas”, aos papéis que deveriam desempenhar. (DUARTE, 1994, p.329)

A discriminação era evidente. As meninas, de preferência, iam para as escolas religiosas para moças, essas escolas lhes dava acesso à instrução e conhecimentos básicos de leitura e escrita e dava-se principalmente uma ênfase na formação religiosa e moral das moças. Fazia parte do currículo das meninas a aprendizagem das prendas domésticas e sua escolarização não obrigatoriamente objetivava a preparação para o ensino superior.

Meninos e meninas não tinham iguais oportunidades de formação intelectual, não tinham os mesmos incentivos, Os meninos recebiam maior incentivo para o ensino superior. Dificilmente a mulher poderia encontrar a sua realização na sua formação intelectual, pois os dois sexos não era educado sob os mesmos princípios.

Mas haviam as mulheres letradas, aquelas que na sua grande maioria pertenciam a uma classe social mais favorecida economicamente. Eram essas as que se formavam e as que exerciam profissões antes só pertinentes ao espaço masculino, como exemplo a política. Em Natal, encontramos estes dois universos contraditórios as mulheres letradas que ganham

visibilidade e espaços públicos, e as não alfabetizadas, que se prendiam aos afazeres domésticos, confinadas ao ambiente privado, cada uma com seu modo de vida.

A questão que será abordada neste momento do trabalho: Quem eram as mulheres que adquiriram visibilidade em espaços antes reservado ao domínio masculino ou seja, quem fazia parte da sociedade feminina letrada de Natal, antes e durante os anos 60. Encontramos mulheres leitoras e produtoras de literaturas, num período em que a modernidade era um fato, a produção literária é disseminada nos espaços públicos e sociais em que freqüentavam.

Antes de 60 a cidade com suas características de cidade pequena, ainda não se preocupava em ver o mundo através de um olhar feminino ou até em lê-lo através das palavras ou dos sentimentos escritos por uma mulher. A sociedade natalense caminhava a passos lentos no mundo letrado. Havia pouca procura pelo conhecimento e desinteresse em conhecer as idéias das mulheres, através das suas produções escritas.

#### Segundo Maria Arisneide de Moraes:

Em Natal, o processo civilizatório, ou seja a busca do letramento da sociedade Norte-Rio-Grandense despontava com a 1ª aula feminina no Bairro da Cidade Alta, com a Professora Josefa Francisca Soares da Câmara, em 1829: conforme registro de Câmara Cascudo (1980): pouco a pouco, outras personagens femininas surgiram no cenário do magistério". (MORAIS,2000,P.191).

A literatura do RN, em especial a da sociedade natalense, muito deve às mulheres, que contribuíram para o desenvolvimento intelectual de gerações e da sociedade, fazendo a história da literatura no RN, e se destacando na poesia e em outros gêneros da escrita.

São essas mulheres, personagens visíveis ou invisíveis da nossa história que deram origem às mudanças, a novos comportamentos e questionamentos sociais. Elas que lutaram pela inserção na sociedade moderna, essa nova sociedade que, com sua forma de pensar, fizera



emergir mudanças significativas na história e no cenário de uma pacata cidade com características interioranas.

Esta abordagem conduz a uma reflexão sobre a história da educação e inserção das mulheres, sejam elas letrada ou não, escritoras, poetizas, políticas ou donas de casa. Cada uma com sua realidade, mas que muito contribuíram para a formação da nossa sociedade. Ainda há muito a fazer. A mulher necessita de medidas políticas que ampare e a torne visível.

### **2.3 A mulher na estrutura familiar, sua função procriativa**

Há muito se pensava que a realização da mulher estava na procriação, e que a maternidade era sua única função, ou utilidade. Segundo a ideologia anterior a década de 60 a mulher tinha como função principal a reprodução, não cabia a ela só gerar, mas também amamentar, criar e educar seus filhos.

Em meados de 1950 a 1960 as famílias são muito numerosas, porém o índice de mortalidade infantil era muito grande. O parto se fazia naturalmente, muitas crianças nasciam em casa no convívio doméstico. Quando havia complicações a mulher padecia por falta de cuidados médicos, lembrando-se que os partos eram feitos por parteiras ou curiosas. O costume da época era parir em casa, principalmente se a mulher fosse pobre, não podendo pagar uma assistência médica, costume esse que perdurou no interior do Rio Grande do Norte, sendo a mulher natalense já nos anos sessenta assistida pela Maternidade Januário Cicco, mas no interior do Estado esta prática, era muito natural.

Quanto a sua função procriativa, era o papel que cabia à mulher, imposto pelas instituições sociais, ela era educada para casar, ter filhos, e nos filhos estava sua realização. Quanto mais filhos, mais realizada a mulher deveria estar, pois o papel para o qual fora criada, estava sendo bem exercido.



Muitas mulheres , normalmente as mais pobres , principalmente as do meio rural, além de parir se encarregavam da educação dos filhos ,em especial das filhas .A obstetrícia era um ramo da ciência que poucas mulheres tinham o privilegio de ter acesso . Os obstretras ,em sua maioria, eram do sexo masculino. Durante séculos as mulheres parteiras ou as “curiosas” cumpriram o papel de obstretras, principalmente na camada social menos favorecida.

As mulheres também eram provedoras da subsistência dos seus filhos ,faziam pequenos serviços domésticos para fora. As vezes esses rendimentos informais geravam uma renda superior ao do marido, mesmo assim esses rendimentos eram denominados de “ajuda” aos maridos. Muitas mulheres sozinhas criaram seus filhos, ainda que sofrendo os preconceitos da sociedade por ser uma mulher sem marido.Estando assim limitado o seu horizonte. Mas aos poucos essa mentalidade vai se modificando como mostra este estudo.

Durante a década de 60 , Natal já contava com alguma industrialização ainda que pequena , gerando empregos, tais como: a WESTON-produtos alimentícios , a Fabrica de confecções GUARARAPES , abrindo espaço para as mulheres.

Natal , nos anos 60 ,quando se inicia o processo de desenvolvimento das industrias não havia um Distrito Industrial, elas se instalavam em qualquer lugar da cidade. Por isso é que a S/A Fiação Borborema instalou-se no Conjunto Potilândia.

Com a disseminação da pílula anticoncepcional e novos métodos de evitar filhos, a mulher passou a planejar o numero de filhos que queria ter, e se deveria ter, ela passou a ter controle sobre seu corpo, sua maternidade, ocasionando um grande passo da mulher em direção a sua liberdade profissional,e a conquista de novos espaços. Nos anos 60, a legislação brasileira consagra o “Estatuto da Mulher Casada”, em 27 de agosto de 1962, este Estatuto esta incorporado ao código civil, o mesmo sofreu influência de um ante-projeto que propõe uma igualdade plena

entre marido e mulher, não tendo êxito em seu objetivo, mas foi importante para reivindicações futuras.

Percebe-se claramente que a relação de poder existente entre homens e mulheres não é de complementação, mas sim de domínio e opressão. Mas as mulheres, ao longo da História, vão despertando uma nova consciência, elas percebem não ser esse um destino irrevogável.

#### **2.4 As mudanças sociais da família, o matrimônio**

As mudanças sociais apresentam-se, neste século, mais visível que nos anteriores. Nota-se isso ao examinarmos as mudanças ocorridas na metade do século XX até agora. Com relação ao matrimônio e as mudanças na estrutura familiar, notamos que a Instituição matrimonial e o grupo familiar, composto pelos membros da família, sofreram mudanças, que apesar de caminharem a passos lentos, foram significativas desde os anos posteriores a década de 60. A família e o papel da mulher no contexto familiar e fora dele (as mulheres deveriam ter uma conduta inquestionável) sofreram nos anos 60 principalmente, mudanças profundas e irreversíveis transformações na sua estrutura e função.

Conforme Beltão:

O levantamento que fizemos das mudanças ocorridas recentemente no matrimônio e na família e o exame das duas principais colocações teóricas, mesmo que queiram simplesmente descrever um novo tipo sociológico já existentes ou apenas emergente, sugerem contudo que a instituição matrimonial e o grupo familiar não se puderam adaptar à nova dinâmica social da presente civilização técnica, industrial e urbana, sem sofrer profundas e irreversíveis transformações estruturais e funcionais. (BELTÃO,[s.d] p. 47).

Em Natal, obedecendo a ordem jurídica anterior a 60, a mulher casada dependia da autorização do marido para fazer qualquer atividade externa ao lar, ou melhor, fora da esfera doméstica. E as bases da família eram o que sustentavam a sociedade. Os hábitos e costumes antigos ainda persistem, o matrimônio, submete as mulheres ao domínio do marido de uma forma legal, onde ele tem poderes absolutos sobre o corpo e os bens da esposa. O matrimônio

ainda refletia os preconceitos do passado, a dependência e submissão da mulher ainda era fato. Antes do casamento ela era sujeita a autoridade paterna, depois a autoridade do marido.

Nos anos 60 encontramos muitos casos de casamento arranjados pelas famílias, não sendo a opinião da moça fator relevante, prática antiga ainda presente, essa prática vai mudando lentamente, apesar de observarmos que indiretamente os pais ainda escolhiam os maridos para as filhas, fazendo sansões, a algum pretendente, ou até mesmo, obrigando o pretendente a se afastar caso não fosse aceito pela família. Vale a pena lembrar que na ausência do pai, um tio ou um irmão mais velho dispunha de autoridade de chefe da família. eram práticas ainda em 60.

Apesar das intensas mudanças ocorridas a nível nacional, envolvendo todas as esferas institucionais, Natal era ainda uma pequena cidade. As inovações culturais da década em questão, só chegavam a uma pequena camada da sociedade, a mais abastada, que tinha acesso aos novos meios de comunicação: a televisão, o rádio, as revistas, os livros. Temos assim duas realidades dentro de uma mesma sociedade, a das mulheres pobres uma boa parte não alfabetizada, e uma outra realidade a das mulheres de classe média alta, as que tinham acesso a leitura e conseqüentemente a cultura, e já pensavam sobre a sua condição de mulher, passando ela mesma a escolher o marido, agora os laços são afetivos, elas questionaram sobre sua vida e reivindicaram mudanças e, conseqüentemente, inseriram mudanças bastantes significativas no papel social da mulher, que iriam transformar a sociedade, a mentalidade dos grupos e instituições que a compõe. Há portanto, dois mundos a desvendar, o mundo das mulheres abastadas e um mundo diferente, o das mulheres excluídas, também pelo poder econômico.

Nos depoimentos colhidos pela pesquisa, várias depoentes confirmaram essa prática, da escolha do marido pelos pais ou parentes, e a elas cabia o papel de obedecer a vontade paterna. Muitas vezes por falta de afetividade, como resultante de casamento sem amor, independentes de

sua vontade, tornava-se um sacrifício em nome da Igreja e da família. Segundo o depoimento de Dona Dioclesia Evangelista <sup>12</sup>: depoente que vivenciou a década de 60 em Natal.

O meu primeiro casamento foi feito pelos meus tios, tio Manuel João, que era professor de português e morava em Mossoró, e pela minha tia que era professora Edwirgines Evangelista e morava em Grossos. Naquele tempo quando diziam vai casar, pronto, ninguém podia mais dizer nada. Nunca tive filhos nem no primeiro nem no segundo casamento. (Gões, 2004)

Durante a década de 60, a igreja passa por mudanças, antes ela tinha um discurso para a mulher, de obediência, mansidão e resignação. Pois tudo acontecia por obra divina, o religioso influenciava todos os aspectos da sociedade. Muitas vezes a mulher era vítima de maus tratos, violência física e sexual, por parte de seus maridos e companheiros, mas era obrigada a calar, para manter a boa imagem do casamento.

Quando a mulher buscava ajuda da família, nos casos de violência, era comum serem aconselhadas a permanecer em silêncio perante a sociedade. Muitas vezes eram responsabilizadas como provocadoras da violência sofrida, pois o marido tinha poder de dono da mulher, onde tinham que cumprir seu papel nos espaços públicos e privados e eram responsáveis pela perpetuação do seu sangue através dos filhos.

A partir do final do século passado, os problemas sociais da mulher já ganham visibilidade. Em 1985, a Prefeitura cria a secretaria da mulher, posteriormente a mulher já passa a contar com a delegacia das mulheres na busca seus direitos como seres humanos. Muito se evoluiu com relação ao direito civil da mulher, ela já é vista pela sociedade com um novo olhar, mas há muito o que reivindicar, ela busca seu espaço e expõe seus problemas. Mas como todas as mudanças da história da humanidade, se dá de forma lenta e gradual, com algumas exceções, a dominação pelo pai e marido, vai sofrendo mudanças e questionamentos, tornando-se um campo muito rico e vasto para o estudo da história das mulheres.

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida a autora em 2004.

## 2.5 As mulheres “ perdidas”, a prostituição

A sociedade antiga natalense tinha como base a estrutura patriarcal e caracterizava-se pela família extensa . A mulher era educada para o matrimônio, guardadoras de sua honra, o que era uma condição para o casamento imposta somente a mulher, numa sociedade de dupla moral. A educação da mesma era direcionada à virtude, submissão e à pureza do corpo.

Haviam também as mulheres que dedicavam sua vida a Cristo , e se tornavam religiosas , as esposas de cristo, as mulheres sagradas , e protegidas da Igreja.

Mas algumas mulheres tinham destino diferente, tomava as rédeas de sua própria vida, eram as que perdiam a virgindade antes do casamento. E sobre elas recaiam todo o peso da sociedade e se tornavam pecadoras e imorais.

Para a Igreja Católica a imagem de mulher estava intimamente associada ao pecado, pecadora era Eva, a traidora, descrita como leviana, imoral , e sedutora.

Era motivo de pedido de anulação do casamento a mulher esconder do marido o defloramento antes do casamento. Elas eram abandonadas pelo mesmo, que por sua vez era apoiado pela legislação vigente. Em 1962, O Estatuto da Mulher Casada é incorporado ao código civil vigente. Este permite ao pai deserdar a filha considerada “desonesta” se esta viver na casa dos pais, no caso de um comportamento considerado imoral , como por exemplo a perda da virgindade antes do casamento. Observa-se aqui a rigidez dos padrões de moralidade aplicados somente a mulher.

Para sobreviverem sozinhas, algumas procuravam como alternativa , a prostituição. Muitas delas saíam do ambiente sagrado, pois cometeu um pecado segundo os dogmas da Igreja e rompendo com as normas socialmente impostas, passavam essas mulheres do ambiente sagrado para o profano, do ambiente familiar para os prostíbulos. Para essas mulheres que “caíam” em desgraça, com a perda da honra, acabava para elas a oportunidade de prosseguirem

com o papel , para que foram educadas, Eram essas mulheres ,as mulheres “ perdidas” ou “ desonestas”, termos coloquiais que algumas camadas da sociedade utilizava para designar a mulher que tinha relações sexuais antes do casamento e para o infortúnio das mesmas, essas mulheres “perdidas” não tinham mais o apoio familiar , da Igreja e da sociedade.

Segundo Pessoa<sup>13</sup> : “Percebemos a importância da religião expressa por algumas mulheres como uma forma de minimizar o pecado decorrente da profissão, para que assim, tivessem alguma possibilidade de serem reintegradas socialmente.” (PESSOA,2004,p.45)

Não era somente esse perfil de mulher que sobreviviam nos prostíbulos, haviam também as mulheres que vinham a Natal trazidas pelo fluxo da migração, eram mulheres casadas, solteiras e menores, vítimas da seca e da pobreza , desprovidas de qualquer recurso, utilizavam a venda de seus corpos para a satisfação da sua necessidade básica e de seus familiares.

Essas mulheres tanto as “perdidas”, quanto as vítimas da seca , quando não dispunham de recursos financeiros para sobreviverem, também teria o destino das desonestas, o prostíbulo. Sem a proteção familiar , essas mulheres eram vítimas de crimes como: estupro, espancamentos, e com raras exceções a uma subvida nas ruas, ou em prostíbulos. Nos prostíbulos eram muitas vezes vitimas de doenças, agressões e violência, elas tinham o espírito de independência, não estavam mais sob o domínio paterno ou do marido, e sobreviviam sozinhas nas ruas, circulando à noite, muitas vezes chamadas de meretrizes.

A presença dos “cabarés” ou “boates” faziam parte da vida noturna da cidade, sua clientela era diversificada, eram homens solteiros , casados .A cidade tinha muitas casas de prostituição. Como exemplo desses espaços em Natal, temos a Arpege, a Casa de Rita Loura, a Pensão Ideal, Alabama, Rosa de Ouro, Coimbra e a Plaza.

---

<sup>13</sup> PESSOA,Eliane Patrícia, MARIA BOA: A alma da cidade do Natal. 48 f. Monografia (Curso de especialização em História da Cidade e do Campo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.2004. p.45

Natal na década de 60, tinha o “Beco da Quarentena”, localizado no Bairro da Ribeira, zona muito conhecida pelo seus prostíbulos. O beco da quarentena era conhecido nos anos 60 como o mais baixo meretrício. Seus freqüentadores eram os homens mais simples, de poder aquisitivo mais baixo. Eram os prostíbulos de preço popular.

Havia também os elitizados, os mais organizados, meretrícios de luxo, que tinha clientes selecionados, como: homens abastados, militares, poderosos políticos, e intelectuais. Um deles era o “Maria Boa”. Este se destacava dos outros a começar pela sua localização, na Cidade Alta, próximo a ladeira do Baldo, enquanto os outros na Ribeira. Era famoso por sua clientela e pelas belas mulheres ou “meninas” como eram tratadas, as que ali se prostituíam, Tornando-se referência para a cidade de Natal. Tendo entrado em lenta decadência a partir do final da 2ª Guerra e com o surgimento dos motéis, fechou suas portas, desaparecendo do centro da cidade.

Não se pode esquecer que estes recintos também tem história e fazem parte da história da cidade de Natal. Foram objeto de estudo e muitas pesquisas, pois contém vivências e memórias importantes. Há uma diversidade de olhares sobre esses espaços, para alguns são pontos de vivência humana, onde as pessoas se relacionam, para outros menos poéticos, era um lugar de venda do corpo, de liberdade pecaminosa, de transgressões das regras morais, um lugar de mulheres socialmente esquecidas e desvalorizadas.

Conforme Eliane Patrícia Pessoa (2004, p.39):

Assim, a sociedade reproduzia valores aparentemente consolidados sem que houvesse a necessidade de qualquer questionamento, fazendo supor ao homem que tudo era permitido. Assim, este podia freqüentar as boates, transmitir sífilis à esposa, transitar no espaço da moral e da degenerescência com certa aceitação social. Imperava a lei do silêncio, na qual a sociedade não discutia, mas aceitava certas práticas sem refletir sobre elas. (PESSOA, 2004, p.39)

Mas algumas escapavam deste destino, acostumadas às funções domésticas, dispostas a realizar qualquer tipo de trabalho que lhe permitia sobreviver, algumas desempenhavam funções



variadas como empregadas domésticas e vendedoras ambulantes entre outras . Essas mulheres possuíam uma grande capacidade de adaptação a nova realidade, pelo modo como foram criadas e garantem a sua sobrevivência.

### Segundo Wilson Martins:

Mas como os autores alemães defendiam os direitos civis da mulher, Tobias Barreto não hesitava em tomar a causa por sua própria conta: era absurda, dizia ele , a idéia de que a única função social da mulher estava no casamento e na maternidade, porque seria falhada a vida das que não casassem : tal conclusão importaria justificar o prostíbulo , quase como uma bela Instituição social, estabelecida para corrigir os erros do destino. (MARTINS,[s.d] p.167).

Num artigo publicado em A Juriti, escrito por Natércio G. da Costa, temos uma descrição que, segundo o autor fantasiosa , do que poderia ser um ambiente de prostituição em 1967.

É uma rua afastada do centro da cidade. Uma artéria de casas assobradadas, velustas, que remontam a época do Império.

Nela reina um pouco de silêncio, que as vezes é quebrado por alguns indivíduos alcoolizados e pugnazes.

Um cadáver de homem ou de mulher sempre é visto sair de uma dessas casa por motivos fúteis.

É um ambiente tristíssimo , sombrio, onde há corpos femininos expostos aqueles que vão saciar um desejo, e que são corpos eivados de moléstia as mais nocivas, as mais contagiosas. As casa da rua são casas sem ser lares, com um atrativo que, geralmente, é prenúncio de dor e arrependimento, e até fatal aos que se deleitam num contato carnal e amoroso.

Na rua parece que não mora ninguém. Imunda! Água de esgoto, infecta a correr no meio da rua, indo juntar-se a um monturo que jaz em frente a um botequim, e cujos fregueses não são outros senão os infelizes habitantes dessa rua. Em outro bar, ouve-se de uma radiola , música apaixonada. Numa esquina, um quiosque; nele falta tudo, menos cigarro e bebida. Um ébrio , sentado no meio fio, vomita a comida que comera há poucas horas. Fraco , desmaia. Uma ambulância vem em socorro. amanhã , se repete a mesma cena. Um cão magérrimo sem dono, passa comendo os resíduos de comida que uma rameira jogara fora. A rotina é sempre esta. Não modifica.

Alguns transeuntes passam, cabisbaixos , meio temerosos, mas, impulsionados pelo instinto, tentam, e sobem ao 1º ou 2º andar. Ao prédio de luxo onde impera a volúpia que fica nas adjacências , eles não podem ir; é-lhes escasso o dinheiro. Esses coitados morrem a prestação, a medida que vão visitar as casas da rua dista dois quilômetros, do centro da cidade, a rua que tem as casas cujas paredes servem de quadro negro para escritos pornográficos .

Do alto desses sobrados, a vista é que é bela! Vêem-se a cidade , o mar , o porto, algumas velas singrando as cúpulas dos edificios ... Isto sim! Lá é que se aproveita. Um verdadeiros prazer visual!

Alguém transita a rua desconfiado. Para. Olha para todos os lados e, de repente, entra num prédio . Pode ser um ladrão ou alguma ladra. Ou talvez a estréia desse alguém para conhecer o “amor” que há tanto tempo esperava, e que somente agora, ás escondidas, recorre a rua dos Sobrados Velhos. Mas tarde outro alguém aparece . Houve um encontro, já se sabe: o assunto é sexo! Desaparece diante disso , a idéia de roubo. Depois novos encontros, os mesmos, outros e assim sucessivamente.

E a qualquer hora do dia ou da noite, a rua dos Sobrados Velhos é um eterno convite aos que pretendem ir, com brevidade, para sua Última Morada; porque “ o mais baixo e repugnante meretrício “ fica na rua dos Sobrados Velhos... ( A JURITI, 1967).

Além da prostituição ,outra prática considerada profana, que transgredia as regras , os valores morais e conduzia a mulher ao pecado ,era o aborto. Este manchava a imagem de mãe, da mulher e tornava-a indigna da aura de santidade, conferida pela maternidade. Neste contexto essa prática era considerada pelo coletivo social como pecado e crime.

O aborto por ser condenado pela Igreja e pela sociedade, era muitas vezes uma prática clandestina, levando a um elevado índice de mortalidade. A mulher se submetia a ela por diversos motivos: estupro, abandono, falta de condições de manter mais um filho, entre outras, era praticados por mulheres de todas as classes sociais.

Segundo Florisa Verucci, na obra Os direitos da mulher:

As mulheres da classe pobre praticavam o abortamento através de meios grosseiros, como ervas venenosas ou instrumentos contundentes – tipo agulhas de tricô- ou sofrem intervenções nas mãos de “curiosas” ou de pessoal médico ou paramédicos ligados as clínicas clandestinas. (VERUCCI,1985,p. 43)



## CAPÍTULO III A IGREJA NO BRASIL: ANOS 60 EM NATAL

### 3.1 A Igreja no Brasil : sua trajetória

Propõe-se neste momento um recuo na história da Igreja Católica no Brasil, para que se observe o fenômeno a partir das suas raízes históricas. É um caminho quase indispensável para se estudar a Igreja e a história contemporânea da Igreja.

O catolicismo, como sabe-se foi a religião oficial de Portugal, nosso colonizador, Os Jesuítas trouxeram para o Brasil o catolicismo, num certo sentido , foi uma religião imposta. O Brasil foi conquistado, não somente pelo reino português mas também pelo reino de Deus representado pela Igreja Católica . Poder temporal e poder espiritual se uniam e complementavam em função das necessidades do Estado e da Igreja.

O rei, além do poder político , detinha também o poder espiritual sobre seus súditos. Através do Padroado , o Estado intervinha na escolha e nomeações para as funções eclesiásticas. Era o controle dos monarcas nas atividades religiosas.

A Igreja necessitava do apoio do reino para combater as correntes religiosas , e preservar a sua soberania , sendo o catolicismo religião oficial brasileira, outras religiões e cultos eram proibidos. Foram impostos pelos colonizadores, suas praticas religiosas. Quando não eram colonizados pela oração , eram pela força.

Em 15 de novembro de 1889, a República era proclamada no Brasil, e com ela veio a separação entre os poderes, temporal e espiritual. Nesse tempo o papa da Igreja era Leão XIII, Para alguns estudiosos da história , nesse momento, a Igreja teve a sua libertação opressiva do poder político na figura do rei.

É necessário portanto lembrar que o Brasil deixou de ser um país oficialmente católico no final do século XIX. A Igreja em 1889, encontrava-se com o número de fieis era reduzido, questionamento das práticas e dos dogmas. A Igreja estava em crise e que um dos motivos era

opressão dos monarcas , e esta separação foi vista com um certo alívio e imparcialidade pela mesma .

Era necessário agora se reestruturar. Evitar o esvaziamento. Era evidente essa necessidade , tendo que para isso combater de certa forma a ignorância religiosa, e também a disseminação de outras religiões.

O Decreto do governo republicano provisório , publicado a 7 de janeiro de 1890, estabelece a separação entre a Igreja e o Estado. A Constituição de 1891 determinava a liberdade de religião, agora podia-se adorar outros deuses e presta-lhe culto no País.

A Constituição Republicana de 1891 determinava também, que, somente seriam reconhecidos os casamentos civis ,não mais obrigatório o casamento religioso, como era em outros tempos. A educação será totalmente independente do Estado e da Igreja , sendo abolida a disciplina religião dos currículos. A Igreja sofreu um impacto. Ao final do século XIX, início do período republicano, completava-se a separação secular da Igreja e Estado no Brasil. E defrontava-se com duas questões; a ruptura do Estado e a ruptura do clero com os fieis. A preocupação principal e urgente era a reforma interna da Igreja. A separação fortaleceu a tendência a reformas no interior da Igreja Católica no Brasil voltada à romanização. A Igreja abre timidamente suas portas para o mundo.

A influência da Santa Sé foi marcante nesse processo, como medida urgente, Roma, enviou religiosos para o Brasil, entre eles muitas mulheres religiosas, freiras de diversas Congregações, que em muito contribuíram para o fortalecimento da Igreja e das suas práticas, e forneceu o modelo religioso a ser seguido, conhecido como Romanização.

Neste contexto, os bispos brasileiros solicitaram às Congregações religiosas,o envio de seus fiéis para o Brasil, entre eles muitas mulheres religiosas, freiras de diversas Congregações.

Em 1890, em documento confidencial, intitulado Pontos da reforma da Igreja no Brasil, de autoria Do Bispo D. Macedo Costa, contém a sugestão de um conjunto de medidas , práticas que contribuem para o programa de sua reforma . A Igreja precisava reformar as suas bases e se adequar à nova realidade social. Para alcançar a sua meta , tornou-se necessário convocar as congregações religiosas européias que se encarregavam das missões populares da educação religiosa nas escolas. A Igreja mobilizou-se para não perder espaço para outras religiões.

Ao final do século XIX, numerosas Ordens e religiosos estrangeiros começaram a chegar no Brasil. O número de Ordens Religiosas femininas, que aqui chegaram foram em numero superior a Ordem Religiosa Masculina. As mulheres davam sua valiosa contribuição para a obtenção do sucesso da empreitada.

O caminho do moderno , passava pela razão ,pela ciência e a tecnologia, mas o místico ainda se fazia presente pela Igreja, sendo mais tarde uma reformulação da Igreja católica para se adaptar a essa nossa ordem social , vigente no modernismo. Teve a Igreja Católica nos anos 60 maior abertura para o mundo.

É nesse quadro amplo de mudanças sociais, políticas de reorganização da Igreja no final do século XIX, que se pode entender as razões e objetivos de tantas escolas Católicas no Brasil e em Natal. Pouca coisa havia mudando na educação brasileira no decorrer dos primeiros anos do regime republicano.

Em 1952 foi criada a Arquidiocese de Natal . É necessário citar personagens da História eclesiástica do Rio Grande do Norte, muito importantes, D. Eugênio Sales e D. Nivaldo Monte.

D. Eugenio Sales é natural de Acari-RN, ele tinha uma postura conservadora e criticou a ala progressista. Foi contra as inovações da moda ,dos comportamentos, que tornavam os corpos mais expostos como o uso do Topless, foi um dos homens mais poderosos e respeitado da Igreja

Católica. Tinha uma postura crítica e conservadora com relação aos modismo. Ele criou a Juventude Masculina Católica.

D. Eugênio Sales ajudou muitos refugiados e perseguidos políticos durante a ditadura, juntamente com a Igreja ajudou a preservar a vida de muitas pessoas, a ditadura perseguiu também os religiosos, que eram taxados pelo Presidente Castelo Branco ,como comunistas e perigosos. Esses religiosos por estarem perto da população e tentar amenizar sua opressão, representavam um perigo diante da ditadura do governo.

Em 1941, Padre Nivaldo Monte, assume o cargo de assistente eclesiástico da Juventude Feminina Católica . A Igreja nesse período se preocupa com o social, com as mães solteiras e com as crianças . Em 1969, ele é Arcebispo de Natal. E continua com seu trabalho social com as comunidades carentes.

Pio XII (1939-1958) Em 1955 a Igreja tinha como objetivo aumentar o prestígio da religião católica., mas ainda não atendia às necessidades do povo em relação a sua situação de pobreza. Estava fora da realidade, era urgente uma reflexão a respeito dessas questões, mas a Igreja muito fechada em si, esqueceu de dar voz ao povo para reivindicar sobre as suas necessidades. Mas a igreja ,aos poucos movida pelo contexto social ao qual estava inserida, vai evoluindo lentamente. Foi o Concilio Vaticano II (1962-1965) responsável em parte por essas mudanças. Após reflexão interna, a Igreja, passou a perceber a realidade em que viviam os pobres, e começa a ocorrer uma mudança de mentalidade , à procura de um novo agir, uma reformulação da Igreja.

A exemplo desta evolução temos Conferencia em 1968,em Medellin, na Colômbia . Quando a Igreja desperta para o social, para a opressão do seu rebanho, principalmente na América Latina, e se engaja na luta pelo povo pobre e oprimido. Foi em Medellín, que se fundou a teologia da libertação.

### 3.2 Sinais de mudanças: a Teologia da Libertação nos anos 60.

O período aqui estudado, é muito importante e rico em relação às mudanças da ideologia da Igreja católica. Religião essa que era o suporte espiritual da maioria da população brasileira, tendo grande influência na família, na mentalidade e educação da população feminina do País.

A religião católica, a oficial no Brasil até o início da República, modifica sua postura com os seus fiéis; passa a preocupar-se com o social; cede um pouco a nova realidade; sai dos muros dos conventos e mosteiros, liberta-se da clausura, e abre-se timidamente para o mundo

A Igreja aos poucos vai se renovando, ouvindo os fiéis, e adota novas práticas para não perder seu espaço como um segmento importante da sociedade e da história. Os conservadores se opõem a novas mudanças.

Em 1947, o governo declara guerra contra o partido comunista, e o Estado conta com o apoio da Igreja contra as idéias comunistas. Mais a Igreja também é contra o capitalismo, por sua essência de exploração do homem pelo homem. A igreja fazia críticas aos males sociais, esses males preocupavam a toda sociedade, e alguns deles eram, o controle da natalidade, o aborto, a crise na família, questionamentos políticos em torno da liberdade e democracia.

A questão desses males muito tem a ver com a figura feminina. As mulheres queriam mudanças urgentes. Elas já tinha adquirido o direito a palavra, o controle do seu corpo através dos métodos anticoncepcionais, o papel de mãe e de procriadora já não são suficientes. As mulheres reivindicam mudanças, estes problemas em muito preocupava a igreja, pois estão repletas de donas de casa, são as mulheres que fazem caridade, que ajudam nas obras sociais, são elas que em sua maioria lotam as Igrejas.

Houve um tempo, em que a religião só se preocupava com os miseráveis e os oprimidos para amenizar os males. Pregava a submissão e aceitação da pobreza; a resignação daqueles que

passavam necessidades. Como uma vontade divina, eles deviam aceitar a sua condição nesse mundo governado por Deus e agradecer o que ele generosamente lhes deu.

Ao longo da história, os cristãos reconheceram que a pobreza e a miséria não eram obras divina, Deus não era responsável por ela, mas na maioria dos casos, era resultado da injustiça e da opressão, principalmente nos países pobres. Muda o discurso da Igreja. Nesse momento a religião, que até então estava no lado da aceitação do mundo como ele é, passou para o lado da revolução, objetivando instaurar um mundo de paz e justiça, mais igualdade entre os homens como é a vontade de Deus. A religião católica não podia mais pregar a aceitação da miséria.

Os teólogos perceberam que era importante denunciar a injustiça e a opressão como causa da miséria, não se limitar a confortar os necessitados, mas rever as causas. Foram buscar na economia os elementos para análise da situação de exploração e dominação.

Na década de 60, o diálogo entre cristãos e marxistas se faziam por todo o mundo. Nesse contexto se formulou em Medellín a teologia da libertação. Era urgente a necessidade da preocupação com o social. O que acontecia no mundo terreno agora era motivo de reflexão. Foi o Concílio do Vaticano II, que na década de 60 formulou finalmente as novas bases e que levou a uma nova fase da Igreja Católica em termos de participação popular e organização.

A teologia da libertação tem no Concílio suas raízes. Mas é necessário saber o que é a teologia da libertação. Segundo Catão<sup>14</sup>: “A teologia da libertação é a resposta à problemática pastoral da Igreja, especialmente colocada no contexto latino-americano, em que a luta pela libertação constitui uma exigência fundamental do evangelho e uma antecipação do Reino de Deus.” (CATÃO, 1986.p-63)

---

<sup>14</sup> CATÃO, Francisco A. C. **O que é Teologia da Libertação**, 2ª ed. São Paulo: brasiliense, 1986.



A roupa de ir pra Igreja era cumprida de manga, saia rodada e blusa de gola, todo domingo ia pra missa se quisesse ir ou não, ia sempre. Era eu, mamãe e papai, as vezes levava minha irmã maior, eu ia obrigada. Me botaram numa congregação chamada filhas de Maria, toda vestida de branco, de manga comprida com uma fita azul com a medalha de nossa senhora era pra ir pra igreja cantar e rezar, quando o padre ia celebrar a missa naquela parte nos parávamos para descansar, tudo vestido igual todas de branco com a fita azul e a medalha, e eu ia obrigada, eu não queria [...]” (LIMA. 2004)

As inaugurações, eram precedidas por missas, ou atos litúrgicos, e os políticos se revestiam de uma ‘áurea religiosa’, que alguns estavam longe de ter.

Em relação à atuação feminina, a contribuição cristã à sociedade era feita em boa parte pelas mulheres. As atividades de caridade são organizadas e gerenciadas por elas. O cristão que dispunha do suficiente para viver bem, devia fazer caridade. Na maioria das vezes esta função social e religiosa era confiada às esposas ou a senhoras católicas. Era comum essas senhoras fazerem donativos generosos para obras sociais. Os estudos recentes que tem analisado as mudanças na Igreja Católica na sociedade, tem originado importantes análises dos seus posicionamentos com relação à mulher. Tem se enfatizado depois de longos séculos de esquecimento e invisibilidade da mulher a importância que ela tem no interior da Igreja Católica.

A Igreja determinava as práticas, a conduta moral da sociedade e principalmente das mulheres era imposta pela Igreja Católica, a família católica tinha no seu cotidiano, uma série de rituais religiosos, tais como: a oração antes das refeições; a bênção dos pais aos filhos; ir a missa obrigatoriamente aos domingos com toda a família, a confissão; os filhos deveriam ser batizados, feita a primeira comunhão, crismados, na idade adulta casados. Para a família na década de 60, ter uma freira ou um padre na família era algo de muito prestígio e satisfação social.

A Igreja Católica é feita por homens e mulheres, mais era as mulheres que se faziam maioria nas missas e eventos religiosos. A caridade e obras sociais eram feitas pelas mãos das donas de casa, principalmente as senhoras da alta sociedade.

As datas religiosas eram guardadas como sagradas por toda a família. O Dia dos Santos eram comemorado pela Igreja e seus fiéis , com rituais sagrados , algumas com procissões , missas e depois com festas profanas, Eram as festas ,motivo social para reuniões e socialização. A Semana Santa tinha todo um cerimonial; quarta-feira de Cinzas, Sexta –feira da Paixão, Domingo de Ramos,durante esta semana santa havia todo um ritual e interdições a se seguir. Não se podia ouvir músicas profanas, nem comer carne, só peixe, o jejum o dia inteiro, as orações também. Havia as proibições , inclusive fazer sexo, no sábado de aleluia , queimava-se o Judas, havendo nesta data uma estreita ligação da igreja com a vida social.

As festas populares em Natal , decorriam das festas religiosas ,tinha dos momentos o primeiro : o primeiro era sacro ,quando se dava a benção litúrgica, e depois o profano, onde a população comemorava, com música, danças e barracas com comidas, era costume na cidade e no interior . Haviam também os parques de diversões para alegrar as festas religiosas.

Havia uma áurea de sacralização muito forte na década de 60, não se podia inaugurar algo, ou se comemorar datas natalícias sem que houvesse antes uma missa de ação de graças .Era necessário a benção de Deus e todas as festividades eram precedidas por atos litúrgicos, Era comum os estabelecimentos comerciais levarem o nome dos Santos, e os bairros terem um santo padroeiro.

### **3.4 A imagem de mulher: o sagrado e o profano**

Ao longo do século XII, a Igreja do Ocidente , tinha a idéia de que a natureza feminina a leva a pecar, o corpo da mulher, sua natureza e seu mistério causa preocupação, é necessário manter a mulher sobre rígido controle e elaborar meios para efetivar a dominação masculina ,a Igreja percebe que era preciso separá-las do mal e conduzi-las à salvação. É momento de analisar as relações entre as mulheres e a Igreja, os meios utilizados pela religião católica para

colocar e justificar a dominação masculina sobre a mulher. A ideologia vigente era que o homem é intermediário de Deus portanto ,domina. A mulher deve ser dominada., a Igreja Católica decide subjugar-la para salvá-la. .

O pecado de Eva estendeu-se sobre todas as mulheres, Eva foi punida por Deus, duplamente , conhecer a dor do parto, e estar sujeita ao homem. Dogma da Igreja Católica no século XII, e que ao longo dos séculos em quase nada mudou.

Segundo ( DUBY, 2001)<sup>15</sup>“ Restava as mulheres, o perigo , já que tudo girava em torno delas. A Igreja decidiu subjuga-las. Com esse fim, definiu claramente os pecados de que as mulheres , por sua constituição , tornava-se culpadas.”(DUBY, 2001. p.36)

Era necessário conhecer e dirigir a consciência das mulheres, que tinham a sua imagem associada a Eva , ao pecado . Tudo na mulher induz ao pecado, e necessário portanto, domina-la. Através da confissão era possível conhecer os pensamentos , e colocar em julgamento não somente os atos mas também o que ela pensava. As confissões era um meio de fazerEra necessário julgar e punir para salva-las. A igreja submete homens e mulheres diante de um processo lento e gradual de elaboração de regras sociais, associadas a moral. Deus é o juiz que julga e dar a punição ,e Deus quem castiga e quem dar a recompensa.

Na Idade Média, havia também um outro modelo de mulher, formar-se uma imagem romântica da mulher: frágil, sensível , virgem , entretida com prendas domésticas e ,a espera de seu protetor , sempre disposto a salva-la . Esta imagem reflete um modelo ilusório da mulher, mas que a sociedade a condicionava para que se consolidasse.

Nesse período iminentemente ,sacralizado houve uma verdadeira caça as mulheres bruxas. Para se chegar ao cerne desta questão é necessário relatar o pensamento da Igreja Católica medieval no que se refere à mulher. Vista como pecadora , a personificação do mal , era

---

<sup>15</sup> DUBY,Georges. **Eva e os padres**: Damas do século XII. São Paulo: Companhia da Letras, 2001. p.36

necessário purgar os pecados. Havia uma certa dualidade: de um lado a imagem de Eva, que remete ao profano ao pecado, do outro lado a figura de Maria, a mulher sem pecado ,a mãe de Jesus , remetendo ao sagrado.

Para a Igreja as mulheres são mais ou menos feiticeiras, quando fazem uso de maquiagem, de unguentos , são condenadas, por criarem uma aparência que não é natural, tornando-as segundo a igreja ,enganadoras, ou quando usam seus corpos para seduzir. Na época a Igreja condenava a maquiagem , os unguentos ,pois os mesmos modificavam o rosto da mulher, lhe dava uma outra aparência , Prática que era contra a lei de Deus.

As mulheres enfeitiçavam os homens a cometer pecado com encantamentos e sortilégios. A mulher bruxa, fazia uso de amuletos , de sortilégios e utilizava os feitiços sobre a sorte dos outros . Faziam formulas, tinha conhecimento do uso das ervas, e era considerada feiticeira tornando-se alvo de torturas, por possuir conhecimentos que fugia ao domínio masculino. E por não compreendê-las e temer o desconhecido, eles estigmatizavam o corpo da mulher,as regras e a reprodução, e até seus pensamentos ,para mantê-la sob seu controle. Lembrando neste momento que o poder eclesiástico que se forma pela Inquisição é essencialmente masculino. A igreja realizou uma verdadeira “caça as bruxas”.

A Igreja católica reforçou essa ideologia de abnegação e mansidão das mulheres, onde eram exaltados a maternidade, a família patriarcal extensa, o confinamento da mulher no lar, a mulher dedicada aos filhos, e obedientes ao marido e temente a Deus. Na Igreja e comunidade cristã , a mulher ocupa um lugar a margem.

Era necessário que a mulher fosse uma boa mãe, submissa e que cuidasse da sua alma, Essa é uma postura que se esperava da esposa carinhosa, dócil , consoladora ,obediente e servil, e esta submetida ao marido incondicionalmente, as mulheres cabia falar com outras mulheres e assunto pertinentes ao seu domínio, o lar, de preferência em seu ambiente. Dentre muitas

lembranças, guardadas na memória dos filhos estar a figura da mãe , aquela que dá o seio, que nutre , que os protege , sempre de boa conduta moral, no seu imaginário a santa mãezinha.

A mulher durante décadas foi submetida a um discurso ideológico sustentado pela sociedade e pela Igreja, que ditava normas de condutas muito rígidas, que condicionou a imagem feminina, a imagem da mulher-mãe e mulher santa, com seu filho ao colo, velando seu sono e protegendo-o na vida. Há um culto a virgem Maria, sendo ela o modelo ideal de mulher, Assim havia uma dualidade, entre a imagem concreta e a mulher idealizada.

Um outro modelo de mulher, era a mulher mãe, era posta num pedestal , mas na realidade ela era tratada com imposições e muitas vezes com brutalidade. Elas apesar de serem elevadas ao pedestal como mães, continuavam a serem ignoradas e confinadas ao ambiente privado.

Segundo June E. Haner:<sup>16</sup> “o caminho para o pedestal, para torna-se um anjo em vez de uma boneca, passava pela família, com a assistência de Jesus de Nazaré.”

A mulher mãe , exercia uma influencia muito grande sobre os seus filhos através da educação, levando a necessidade de se colocar a mãe num pedestal, pois a tarefa de educar os filhos valorizou as mulheres, levando-as a um pedestal , para que possam ser melhor controladas.

Para algumas, ser colocadas num pedestal era um progresso , era uma promoção de posição. Esse novo modelo de mulher, a mãe santa ou anjo, continuava a oprimir e excluir , levando-as a pensar que a sua realização estava na maternidade. É importante a construção de novos modelos; modelos de uma mulher com aspirações; que quer romper as amarras do lar; ganhar visibilidade; se realizar profissionalmente e conquistar seu espaço como cidadã, fazendo a história do seu tempo.

---

<sup>16</sup> HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**, São Paulo: Brasiliense, 1981.p.51



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas fontes, depoimentos e bibliografia consultada, concluí-se que : o século XX foi um século de lutas e conquistas femininas. E que as mulheres movidas pela força e motivadas pelo desejo de conquistar novos espaços, obtiveram consideráveis avanços com relação a emancipação e participação da vida pública. As pesquisas que abordam a temática feminina mostram um saldo positivo, ou seja ,que o século XX foi feito de conquistas , mas o resultado final de análise dos depoimentos contidos neste estudo, comprovam que, nem todas as mulheres tiveram acesso à efetivação desses direitos ou usufruíram dessas conquistas. Há uma grande diferença no modo de vida , nos costumes e direitos ,entre as mulheres letradas e as não letradas, entre as mulheres do meio urbano e do meio rural. Essas conquistas duramente adquiridas não foram realmente homogêneas e extensivas a todas as camadas sociais.

Muitas mulheres se destacaram no Rio Grande do Norte, na vida política, na literatura , na educação, e conseguiram sua inserção e visibilidade no espaço público da sociedade , antes restrito aos homens, elas se utilizaram de vários meios para a efetivação da sua independência social, econômica e cultural, tornando sua atuação no desenvolvimento do País inegável. As mulheres, no decorrer da história foram autodidatas; escreveram poesias, se inseriram na literatura, lutaram pelo direito ao voto, refletiram sua condição e se libertaram das amarras que as prendiam, percebendo que o seu destino não era irrevogável.

Nos estudos e pesquisas sobre as mulheres, sobre a sua condição, foram lançados novos olhares, se utilizam hoje novas categorias de análises e apesar de muito se ter conseguido no decorrer do século XX, como o aumento do número de mulheres alfabetizadas e a presença das mulheres nas universidades e a sua inserção no mercado de trabalho, principalmente em espaços antes só masculinos, estando a mulher mais economicamente ativa ,ainda assim persistiram

varias formas de discriminação e preconceitos quanto ao novo papel da mulher, sua função na sociedade, e problemas graves como a violência contra a mulher, nos espaços públicos e principalmente no lar. A violência contra a mulher é tema que gera muitos estudos e trabalhos acadêmicos, mostrando ser uma realidade brutal e que precisa de medidas públicas urgentes para garantir os direitos que foram adquiridos, mas não efetivado para todas. Infelizmente a realidade confirma essa questão. A discriminação a mulher, a busca pela independência financeira, sua realização profissional e a realização pessoal, tudo isso, ainda são os obstáculos que as mulheres terão que enfrentar.

No Rio Grande do Norte várias mulheres se destacaram, na literatura na política, tornaram-se visíveis socialmente, conquistaram seus espaços, a família natalense sofreu mudanças significativas no período pré e pós 60, rompeu com a família patriarcal, e com o modelos de comportamento impostos principalmente pela religião católica. O modo de vida mudou, a dona de casa mudou, a mulher passou a ter um novo papel diante da sociedade.

As conquistas adquiridas pelas mulheres ao longo da História, foram obtidas com muita dificuldade e muitas lutas. Houve momentos de progresso e de retrocesso nos seus direitos principalmente aos direitos políticos, como no período da ditadura. Porém, nem por isso essas mulheres letradas ou não, visíveis ou invisíveis socialmente, perderam a capacidade de acreditar em seus objetivos e em si mesma e de expressar sua ternura sob as mais diversas formas, algumas através da poesia. Não desistiram de continuar lutando por novos direitos e pela consolidação dos direitos adquiridos e tornando-os extensivos a todas as mulheres. Principalmente a mulher potiguar, especialmente as nordestinas. Através deste estudo constatou-se que parece coexistir dois mundos e realidades diferentes, em um a mulher independente, produtora e pertinente aos espaços públicos da sociedade, em um outro a mulher submissa, oprimida, invisível socialmente, objeto de dominação masculina, pertencem essas mulheres em

uma significativa maioria as camadas mais pobres da sociedade, e se encontram principalmente no nordeste do Brasil.

Ao término deste trabalho, após as pesquisas documentais e as entrevistas com as mulheres que vivenciaram os anos 60 , onde foram relatados sonhos, sentimentos e experiências de sociabilidade, estava feita portanto, uma união de fontes, união essa que permitiu refletir a relação entre a mulher, a Igreja e a família , essência de todo o processo da pesquisa, reforçando não só a identidade da mulher no contexto social natalense , mas também a condição de vida das demais mulheres, como seres sociais , a margem do processo histórico , inseridas no universo masculino.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do cpdoc**. São Paulo: (p. 45 a 100).
- ALVES, B. M.; .PITANGUY, J. **O que é feminismo**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense ,1982.
- AUAD,Sylvia M.Von Atzingen Venturoli (Org.). **Mulher** –Cinco séculos desenvolvimento na América – Capítulo Brasil / Belo Horizonte: Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CREZ/ MG. , Centro Universitário Newton Paiva IV IA/MG. 1999.
- BASSERMANN, Lujo. **História da prostituição** - uma interpretação cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A,1968.
- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. São Paulo: Difusão Européia do Livro .[s.d]
- BELTÃO, Pedro Calderón. **Sociologia da família contemporânea**.2. ed. São Paulo:Vozes, [s.d]
- BONACCHI, G.; GROPPI, A. (ORG.).**O dilema da cidadania**:direitos e deveres das mulheres. São Paulo:UNESP, 1995.
- BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras , 1998.
- CARDOSO,Ciro Flamarion.;VAINFAS,Ronaldo. **Domínios da História**, São Paulo:Editora Campus.[s.d]
- CARDOSO, Ciro Flamarion.; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os Métodos da História**. 3ª edição,Rio de Janeiro: EDIÇÕES GRAAL Ltda. [s.d]
- CASCUDO, Luiz da Câmara.**História da cidade do Natal** . Edição Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal : RN Econômico, 1999.
- CATÃO. Francisco A. C. **O que é Teologia da Libertação**. 2.ed. São Paulo: brasiliense, 1986.
- CERTEAU, Michel . **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CHAPMAN. Colin. **Cristianismo**: A melhor resposta. Edições Vida Nova. São Paulo: Sociedade Religiosa , 1985.
- CHINOY, Ely. **Sociedade: Uma Introdução à Sociologia**. São Paulo: Editora CULTRIX.[s.d]
- COSTA, Albertina de Oliveira.;BRUSCHINI, Cristina. **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- CUNHA, Della.**Eros oprimido**: a ideologia da repressão sexual feminina. Natal: Editora Universitária UFRN, 1989.

D' ALÉSIO, Márcia Mansour. **Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA.** São Paulo: Marco Zero/ ANPUH (p.97 a 103).

DUARTE, Constância Lima Duarte (Org.). **Mulher e Literatura no Rio Grande do Norte.** Natal: CCHLA- NEPAM, 1994.

DUBY, Georges. **Eva e os padres: Damas do século XII.** São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **História das Mulheres: O Século XX, V. 5,** São Paulo: EBRADIL.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa.** 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1996.

FIORIN, José Luiz. **O regime de 1964: discurso e ideologia.** 1ª ed. São Paulo: Atual, 1988.

GALVÃO, Mailde Pinto. **1964. aconteceu em abril,** 2ª ed. Natal: EDUFRN.

GERMANO, José Wellington. **Lendo e aprendendo: A campanha de pé no chão,** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GÕES, Dioclésia Evangelista . Natal: entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2004

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937,** São Paulo: Brasiliense, 1981.

HELLER. Agnes. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura : um conceito Antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahah Editor. [s.d]

LIMA, Francisca Cassimiro de Lima, Entrevista concedida a Ana Lúcia de Lima , Natal , em 22 de novembro de 2005.

MACHADO, João Batista . **De 35 ao AI-5.** Mossoró: gráfica ASTECAM, 1979.

MACHADO, João Batista. **1960: Explosão de paixão e ódio.** Natal (RN): Dep. Estadual de Imprensa. 1998

MARIZ, Marlene da Silva e SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte.** Natal/RN : edições Sebo Vermelho. 2001.

MARQUES, BERUTTI E FARIAS (orgs.) **História Contemporânea através de textos.** São Paulo: Contexto, 1991,

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira : 1877-1896.** São Paulo: [s.d] , v. 5.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.(p.125 a 178).

PAIVA,Vera. **Evas, Marias, Liliths...**, as voltas do feminismo. 2ª ed. São Paulo: brasiliense,1993.

PEREIRA, Maria das Neves Oliveira. Entrevista concedida a Ana Lúcia de Lima ,Natal , em 08 de outubro de 2005.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da história**; operários , mulheres e prisioneiros. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra ,1992.

PESSOA, Eliane Patrícia . **MARIA BOA: A alma da cidade do Natal**. 48 f. Monografia (Curso de especialização em História da cidade e do campo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal ,2004.

POSSAS, Lúcia Maria Vianna. **Mulheres, trens e trilhas:modernidade no sertão paulista**,São Paulo: EDUSC,2001

PRIORE, Mary Del. **Histórias do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

**REVISTA A JURITI**. Natal:Aluizio Macedônio Lemos, trimestral ,1967.

**REVISTA PARADIGMAS**: Mulher. Edição especial. Natal: UNP, març.2000. Mensal.

RIBEIRO Júnior, João. **Pequenas histórias das heresias**, São Paulo: Papyrus, 1989.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil: Introdução Metodológica** . São Paulo :companhia Editora Nacional. [s.d]

SANTOS, Terezinha de Jesus Cunha. **A Igreja católica de Natal e os movimentos populares (1960-1965)** . Monografia de graduação do curso de História , Natal: UFRN, 1993.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória**: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In: REVISTA PROJETO HISTÓRICO ( dossiê Ética e História e Oral). (p.51 a 71).

TOLEDO, Francisco Sodero. **Igreja, Estado e ensino superior**: A Faculdade Salesiana de Lorena. Taubaté : Cabral editora , 2003.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra e ALBUQUERQUE, Geraldo José. **Subsídios para o estudo da História do Rio Grande do Nortc**. Natal:Departamento Estadual de Imprensa,2001.

VENTURA, Zuenir (org.). **Os anos 60. A década que mudou tudo**. São Paulo: Abril, 1970,p.13

VERUCCI, F.;MARINO,E. **Os direitos da mulher**. São Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina,1985

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: ZAHAR ,1983.

KALOUSTIAN, Sílvio Manoug, (org.). Família brasileira , a base de tudo, 3ª ed. São Paulo: Cortez,1998.

## **ANEXOS**

**ANEXO A**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Disciplina: Pesquisa Histórica II (Monografia)**

**Ficha de catalogação nº 01**

**Entrevistado: Maria das Neves de Oliveira Pereira**

**RG: 763.306**

**Endereço: Rua: São Caetano, nº 334, Nova Natal - RN**

**Data da entrevista: 08 / 10 / 2004**

**Tempo de duração: 25 minutos**

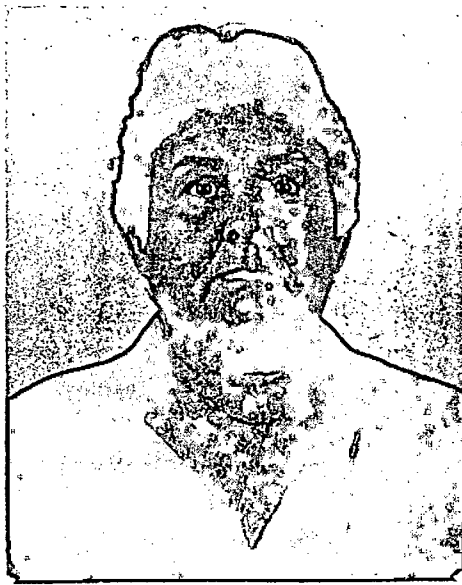
**Caracterização geral do entrevistado:**

A entrevistada é funcionária do Estado, participou na década de 60 da Campanha “De Pé No Chão Também Se Aprende A Ler”, tem uma excelente memória é alegre, simpática é muito sensível.

**Fita nº 01, quantidade de fitas: 1/2**

**Obs:**





**MARIA DAS NEVES OLIVEIRA PEREIRA**

Natal, 20 de setembro de 2004.

**Carta de cessão**

Eu, Maria das Neves Cláudia Pereira

RG. \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos da minha entrevista da no dia 08/10/04 para Ana Lúcia de Lima, usar integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo sua audição e o uso das citações a terceiros, que está sob a guarda de Ana Lúcia de Lima. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Maria das Neves C. Pereira



Entrevista concedida a Ana Lúcia de Lima, aluna do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, em Natal, 08 de outubro de 2004.

### MARIA DAS NEVES OLIVEIRA PEREIRA

Meu nome é Maria das Neves Oliveira Pereira, sou serviços gerais, funcionária do Estado há vinte anos, trabalho na Creche Menino Jesus, sou natural de Parelhas, tenho a 7ª série, vim pra Natal porque meu pai se mudou para cá em 1960, não, foi em 1964. Nesse período eu fiz um curso da Campanha De Pé No Chão Também se Aprende a Ler, porque de onde nós viemos morar tinha muitos analfabetos, aí o prefeito pediu pra minha mãe ensinar, mas ela tinha que ter companhia, eu era de menor não tinha o grau completo, tinha que fazer um curso, fiz o curso, passei e fui ensinar na Campanha de Pé no Chão Também Se Aprende A Ler, sou casada, tenho nove filhos, são cinco homens e quatro mulheres, sou católica, por herança dos meus avós, que são muito católicos, somos muito católicos, minha mãe, meu pai, na família tem um missionário, que foi formado em missionário, José de Oliveira, meu irmão, minha família toda é católica, meu pai é Joaquim José de Oliveira, fez até a 2ª série, é agricultor, ele saía para a agricultura e os filhos tinham que acompanhar ele, trabalhava até às 11:00 h, voltava e almoçava, e de 13:00 horas voltava pra roça e de 17:00 horas, voltava pra casa, tomava banho, jantava, ia rezar o terço de Nossa Senhora, às vezes estava cansada mas tinha que rezar o terço pra dormir.

O nome da minha mãe é Gerakina de Oliveira ela tem o 1º grau completo, ela é professora, os filhos iam pra roça e ela ficava em casa cuidando, as meninas também iam pra roça, ela cuidava da alimentação, ao meio-dia ela dava aulas até às duas horas, as aulas eram em casa, era em casa mesmo, nessa época ela ensinava na campanha, não tinha colégio, ela ensinava em casa, e o MOBREAL à noite, nós morávamos em São Paulo do Potengi, mas o curso que eu fiz foi aqui em Natal, éramos 11, com meu pai e minha mãe, ela perdeu alguns filhos ficando só

sete. Somos todos católicos, tenho um irmão que é padre e duas primas que são freiras, meu pai não conversava muito com a gente, mas a gente obedecia a ele, mas minha mãe é quem conversava com a gente e depois passava para o meu pai, meu pai nunca castigou a gente, minha mãe era mais rigorosa, meu pai dizia: castigo nelas, porque se não eu não estou em casa pra ver, ele era educado, a gente era obediente com medo de levar castigo, só medo de levar castigo, mas não levava não, o castigo era assim, ficar em pé junto da parede.

Na hora de ir pra agricultura ,íamos todos junto, nas atividades de casa era só as mulheres, variam a casa, lavar as roupas ,eles diziam que era coisa de mulher, meu pai incentivava todos os filhos a estudar , sempre fomos uma família muito unida, nós não tínhamos lazer, naquela época só se vivia para o trabalho , no domingo meu pai ia pra feira, fazer compras e a gente brincava no mato, ia à missa pela manhã e à noite rezava o terço. No sábado de 05:00 horas da manhã rezava o de Nossa Senhora todos os sábados, naquela época a gente ia pra missa porque era devoto, a gente não entendia nada , pois a missa era em latim, o padre rezava a missa de costas viradas pro pessoal, fui batizada por Monsenhor Amâncio Ramalho, fui crismada, o padre que casou minha mãe nos batizou e crismou ,quem nos casou foi Monsenhor Expedito , minha mãe nos orientava pra não conversar na Igreja e acompanhar o hino, nós não entendíamos a missa ,pois era em latim, o que os outros faziam nós fazíamos também, se o povo se ajoelhava nós nos ajoelhávamos também, e se benziam nós nos benzíamos também, a religião tem um significado muito importante, significa muita coisa importante pra mim, o padre orientava ,não deixava entrar na igreja com roupas sem manga, tinha que usar um pano na cabeça, com roupas bem compostas, se uma moça fosse de batom ele mandava tirar na hora, e não podia entra com namorado na igreja, a moça tinha que sentar num banco e o rapaz no outro, havia separação, os homem sentados de um lado e as mulheres de outro.

Na escola eu sempre respeitei o professor , nunca levei castigo não, meus colegas levavam castigo ,se ajoelhar, ficar em pé com as mãos para trás, o tempo que o professor

quisesse, tinha a palmatória, nos meninos mais medonhos o professor usava a palmatória, existia respeito pelo professor na hora da aula, a criança não podia conversar com as outras nem mesmo cochichar, as meninas sentavam de um lado e os meninos de outro, no recreio também ficavam cada um no seu canto, as meninas não se misturavam com os meninos não.

O fardamento era saizinha pregueada azul e branco ,era escola em Parelhas, quando vim pra Natal, aí eu parei fui ajudar minha mãe,aí parei meus estudos, eu devia estar formada, minha mãe recebia da prefeitura e eu ajudava, trabalhei oito anos ,mas era voluntária quem recebia era minha mãe, respeitávamos demais os professores não era como hoje em dia , tínhamos até medo de falar com eles, tínhamos obrigação de cantar o hino, na terça era ensaio de hino,o Nacional ,o da Bandeira ,o do Brasil, na quarta- feira era pra recitar poesia , declamar, tínhamos o catecismo no sábado, no primeiro horário fazíamos os deveres ,os outros horários era o catecismo. Estudava em escola pública, as coisas mudaram , Matemática mudou, o Inglês não tinha, era só o Português mesmo, éramos obedientes ,quando queríamos ir a uma festinha tínhamos que pedir a minha mãe e ela pedia a meu pai, mas era difícil demais, minha mãe tinha que ir junto, as coisas mudaram demais ,hoje um jovem de 15 anos vai às festas e chegam no outro dia, as mocinhas do mesmo jeito,brincar carnaval era o mesmo que ir para o inferno, hoje em dia elas saem e chegam com dois ou três dias.

Nessa época ,em 1964 , nós ensinávamos numa palhoça ,no chão duro. As crianças eram pobres tinha delas que não tinha o que calçar , iam descalças mesmo, iam muitas crianças descalças.

Música da Campanha :

De pé no chão também se prende a ler

Até de pe no chão também se aprende a ler

Chegou a vez do prefeito Maranhão

Ate de pé no chão também se aprende a ler

Ate de pé no chão também se aprende a ler

Chegou a vez para quem quer aprender

Ate de pé no chão

Também se aprende a ler.

Isso a gente cantava muito, no recreio, na hora do lanche, o lanche era um leite de soja, só era leite de soja, às vezes eles davam um caderno e um lápis, mas, às vezes não tinha, pegava-se um papel de embrulho e escrevia nele.

Hoje tudo mudou, o que mudou foi a aprendizagem, naquela época só se aprendia a ler e escrever, tinha Matemática, que mudou muito, naquela época a gente sabia Matemática, hoje tudo mudou. Naquela época padre não podia tirar batina, era o maior pecado padre beber, padre hoje tira a batina para ir à festa, bebe.

Eu me lembro muito que em 64 para ir dar aula chovia muito, choveu muito nessa época, era debaixo de uma latada, molhava tudo, ventava, molhava tudo era maior sacrifício, mudou demais, hoje em dia tem colégio, carteira, tudo novo, com quatro anos está tudo quebrado.

Eu deixei de estudar e fui à Brasília, perdi dois irmãos num acidente, quando voltei fui cuidar da minha família, dos meus filhos.

O dito é verdade e dou fé.

---

Maria das Neves Oliveira Pereira

Natal, 08 de outubro de 2004.

ANEXO B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Disciplina: Pesquisa Histórica II (Monografia)

Ficha de catalogação nº 02\_\_\_\_\_

Entrevistado: Deoclécia Evangelista de Góes

RG: 000.074.644\_\_\_\_\_

Endereço: Av. Pedro Álvares Cabral, 46 Parque dos Coqueiros, Natal -RN

Data da entrevista: 09 / 11 / 2004\_

Tempo de duração: 40 minutos\_\_\_\_\_

Caracterização geral do entrevistado:

A entrevistada é dona de casa, aposentada, pessoa muito católica, participa de vários eventos da Igreja. É muito simpática e emotiva, tem uma boa memória, se emocionou ao lembrar o passado.

Fita nº 02\_, quantidade de fitas: 1/2\_\_\_\_\_

Obs:



DIOCLÉCIA EVANGELISTA DE GOES



Natal, 20 de setembro de 2004.

### Carta de cessão

Eu, \_\_\_\_\_

RG. 000.074.644, declaro para os devidos fins que cedo os direitos da minha entrevista da no dia 09/11/04 para Ana Lúcia de Lima, usar integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo sua audição e o uso das citações a terceiros, que está sob a guarda de Ana Lúcia de Lima. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

*Prolecia Evangelista de Goes*

Entrevista concedida a Ana Lúcia de Lima, aluna do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN , em Natal, 09 de novembro de 2004.

### DIOCLÉSIA EVANGELISTA DE GOES

Profissão , do lar, trabalhou na telefônica em São Paulo , em 48 ou 46. Sou natural de Areia Branca, Rio Grande do Norte, fiz até a 6ª série , parei porque meu pai achava que o que eu já sabia , já estava bom, não precisava mais , pois, não ia me empregar em canto nenhum, ia ser dona de casa.

Eu vim pra Natal, porque meu pai já tinha falecido , e a minha mãe. Eu vim pra fazer um curso de parteira para trabalhar na maternidade de Mossoró , terminei o curso ,mas meu segundo marido não deixou, ele disse que não tinha mulher pra sair com os homens pra cima e pra baixo fazendo o parto das outras ,sozinha.

O meu primeiro casamento foi feito pelos meus tios, tio Manuel João, que era professor de Português e morava em Mossoró, e pela minha tia que era professora Edwirgines Evangelista e morava em Grossos. Naquele tempo quando diziam vai casar, pronto, ninguém podia mais dizer nada, nunca tive filhos nem no primeiro , nem no segundo casamento.

Sou católica , carismática desde criança, minha tia era muito católica , a família toda, minha avó, fiz a 1ª comunhão, fiz o crisma, fui da cruzada. Estudei pouco tempo num colégio de freira, mas meu pai me tirou também, porque eu queria ser freira.

O nome de meu pai é Arnaldo Moreira de Góes , tinha 2º grau, era despachante da estrada de ferro de Porto Franco. Ele era um homem muito caseiro,era do trabalho para casa, era calado, eu tinha muito medo, só em olhar pra mim, virar o olho, eu já entendia o que ele queria dizer.

O nome da minha mãe é , Luíza Evangelista de Góes era muda e surda, mas era ótima dona de casa, era muito cuidadosa. Às vezes eu dizia : meu Deus, eu queria ser assim, uma



dona de casa como minha mãe. Ela era muda e surda , mas era tudo nos seus cantinhos, tudo, a qualquer hora que você chegasse, à meia noite , e procurasse alguma coisa, uma agulha, ela sabia onde estava e você levava , ela deixava tirar mas dizia que era para depois colocar no mesmo lugar.

Minha mãe fez só até o 1º grau, não estudou mais,, era no interior, mas ela aprendeu a fazer o nome dela, ela votava , era eleitora. A rotina dela era lavar, cozinhar, cuidar da casa ,dos filhos. Minha família era só minha mãe, meu pai e eu, praticamente eu fui criada na casa da minha avó. Tinha muitas famílias , que tinham muitos filhos, eu dizia que tinha vontade de quando casar, ter muitos filhos, mas Deus não me deu, não pude fazer nada.

Lá na casa de Papai ,em Porto Franco ,era só papai , mamãe , eu e Maria, uma moça que minha mãe criava. Lá na casa da minha avó, era minha avó, minha tia e uma outra moça que minha avó criava.

A moça que meu pai criou era filha de um conhecido dele, que era de Açú, que foi trabalhar em Porto Franco e era separado da mulher, e disse que tinha essa filha e se podia levar para lá , e ficou lá e meu pai criou.

A da casa da minha avó. Minha avó era muito caridosa, passava uma mulher pedindo esmolas com uma menina atrás de dar a menina , pois não podia criar, aí minha avó tomou conta da menina, e a mãe da menina desapareceu, foi embora, minha avó batizou , fez a primeira comunhão, botou pra estudar e ela tornou-se professora.

Todos da família eram católicos , só agora que eu depois que estou com 77 anos, é que minha filha é evangélica .

Meu pai era muito severo, eu só saía com ele, com mamãe ou com uma tia, até pra ir à missa era com minha tia. Lá em casa só tinha eu de mulher, meu irmão morreu novinho, eu fiquei só. Não havia conflitos na família , graças a Deus, o lazer em 60 era ir à praia, meu pai

gostava muito de pescar, e ele saía e a gente ia com ele, eu e minha mãe, minha mãe era surda e muda, parecíamos duas crianças, que tinha dentro de casa, sempre que ele viajava, ele sempre comprava uma coisa pra mim e outra pra ela, o que ele trazia era uma festa para mim e minha mãe.

Quanto ao meu segundo casamento, a gente ia à praia, ao cinema . O cinema era aqui em Natal ,no Rio Grande. Nós víamos mais filmes nacionais, sim, também tinha o cinema Rex, às vezes quando vinha artista de fora para cantar ,nós íamos pra rádio poti,ele era cantor, ele cantava, o nome dele era Francisco das Chagas Ribeiro, lá na Rádio ele botou outro nome, chamava-se Ribeiro Júnior, ele era cantor, mas a profissão dele era motorista de táxi.

No interior em que eu morava , só tinha missa no terceiro domingo de cada mês.Em Natal, em 60 , eu ia pra missa todos os domingos, em Lagoa Seca era com padre Pio , na rua São João, Igreja São João, as missas eram diferentes , era em latim e o padre rezava de costas prá gente, era muito diferente de agora, fui batizada, crismada, fiz a primeira eucaristia, fui da cruzada.

A religião foi tudo pra mim ,só Jesus mesmo é quem pode me ajudar e fazer tudo por mim, não tenho quem pedir, nem falar nada, só Deus mesmo na minha vida, a Santíssima Trindade, Pai , Filho e Espírito Santo, minha Mãe Santíssima, todo dia eu rezo o terço , o ofício, ainda hoje todo dia eu rezo, as mulheres às vezes usavam um véu na cabeça, meu pai nunca deixou eu me pintar, eu usava só talco, roupas com mangas, estudei em escola publica e particular, estudava dois horários, a escola particular a 1ª aula era da professora que era Lourdinha Vasconcelos pela manhã . Na escola pública que era de meio-dia às 15:00 h ,era Sebastiana Marques e na escola particular à tarde era Lucinha Dantas, eu estudava muito, porque meu pai queria, porque não era pra sair nem ter amizade com ninguém , ficar muito ocupada, eu fazia os três deveres da escola, eu não tinha como sair e nem falar com ninguém,

minha mãe era muda e surda ,não era desses mudos que gritavam era muito calada, nós saíamos, ela me olhava, quando chegava em casa ela perguntava as coisas por acenos.

Meu segundo marido não queria que ninguém visse meus olhos ,pois ele dizia que eu tinha uns olhos grandes, muito bonitos, e eu tinha que usar óculos ,um óculos grande escuro, ele era um homem ciumento, me proibia tudo, eu vivia trancada, quando ele saía pra ir trabalhar ele fechava a porta, naquela época eu morava na Jaguarari, na Jaguarari não ,na Olinto Meira. Eu tinha minhas vizinhas acho que ainda hoje elas moram lá, era dona Maria de um lado ,e dona Nadir do outro,ele saía pra trabalhar e elas sentavam na calçada, as casas eram tudo pegadas umas com as outras, elas vinham pra frente do meu portão e eu ficava dentro de casa com a porta trancada conversando de dentro de casa pra fora, elas diziam : não vai abrir a porta não ? eu dizia não, que ele pode passar no carro ai e ver a porta aberta, eu não vou abrir não, ele chegava ia me repreender, ficar falando. Para evitar não abria . Quando ele chegava que chamava , eu abria a porta, se eu abrisse logo ele perguntava o que estava fazendo acordada ate essa hora, se demorasse a abrir ele perguntava o que estava fazendo que demorei a abrir a porta, pra missa eu ia com ele, todo domingo só ia com ele, se eu dissesse que queria sair, aí bem ,ele me levava no carro , para onde quizesse ir eu ia, mas ia com ele,agora quando eu voltava, ficava em casa, e ele saía e sabia que eu não ia mais pra canto nenhum, eu não saia mais de casa porque podia morrer um, eu não saí , pois não tinha dito a ele que ia sair, ate hoje eu só faço o que os outros querem. Em 60 , as pessoas só casavam se gostassem , às vezes a família queria, mas o pessoal já tinham outra noção, respondia não queria e não queria mesmo. Na minha época não, porque o pai ou os responsáveis, como era minha tia por mim quando me pai morreu, mamãe era muda e surda quem tomou a frente foram meus tios, e eu tudo achava que era pecado não podia responder a pai ,nem a tia, tinha que respeitar os mais velhos.

A gente se confessava ao padre , eles faziam perguntas sobre o casamento, agora não se lembrou contou , se não... O padre aconselhava também o marido, quando o marido era uma pessoa conhecida mandava chamar na igreja, na época era padre, to esquecida agora o nome do padre agora, meu tio, por parte de mãe João Evagelista cuidava da igreja em Grossos e ele falava com o padre, então o padre chamava o meu primeiro marido e dava conselhos, a primeira vez que saiu de casa foi embora e voltou, o padre e minha tia falou comigo pra voltar e eu voltei ,o padre ,ele dizia se ele continuasse fazendo o que ele tinha feito tinha que se separar, pois eu não era nenhuma criança pra viver apanhando.

Uma recordação boa da juventude: Eu me lembro de ser muito presa ,mas eu gostava muito das minhas amigas do colégio, estudava em Grossos com minhas amigas, ainda hoje eu tenho, quando eu chego lá ,elas fazem uma festa, me chamam pra passear, quando eu chego lá parece que eu voltei a quatorze anos,quando eu entro então na igreja coração de Jesus em Grossos, parece que eu tenho 14 anos, dali eu relembro todo o meu tempo , da igreja ,das missões de frei Damião. Eu achava ótimo, é disso que eu me lembro muito e tenho muita saudades daquele tempo, as coisas negativas eu sempre entregava a Jesus e à Nossa Senhora para que ela me protegesse, e fui levando minha vida, meu sonho era ser freira, minha vontade era essa ,eu não pude ser meu pai não deixou.

Eu quero agradecer a você porque tem momentos que a gente tem vontade de falar , recordar, desabafar, e hoje eu pude falar sem chorar, sempre que eu falava eu chorava muito.

O dito é verdade e dou fé.

---

Dioclésia Evangelista de Goes

Natal, 09 de novembro de 2004.

ANEXO C

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Disciplina: Pesquisa Histórica II (Monografia)

Ficha de catalogação nº 03 \_\_\_\_\_

Entrevistado: Francisca Cassimiro de Lima

RG: \_\_\_\_\_

Endereço: Rua: Nova Gramada nº 42, Conj. Gramoré, Natal -RN

Data da entrevista: 22 / 11 / 2004

Tempo de duração: 1 hora

Caracterização geral do entrevistado:

A entrevistada é dona de casa, tem o 2º grau incompleto, presenciou a década de 60 em Natal, mudou-se definitivamente para Natal na década seguinte.

Fita nº 03, quantidade de fitas: 1/2

Obs:



**FRANCISCA CASSIMIRO DE LIMA**

Natal, 20 de setembro de 2004.

### Carta de cessão

Eu, \_\_\_\_\_  
RG. 163.808 \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos da minha entrevista da no dia 22/11/04 para Ana Lúcia de Lima, usar integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo sua audição e o uso das citações a terceiros, que está sob a guarda de Ana Lúcia de Lima. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

João Cassimiro de Lima

Entrevista concedida a Ana Lúcia de Lima, aluna do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN , em Natal, 22 de novembro de 2004

### FRANCISCA CASSIMIRO DE LIMA

Nasci em João Câmara , e fui registrada em Nova Cruz em 1946. Sou Católica, todos da minha família são católicos.

Eu não tive infância , minha infância foi de adolescente e de adulto. Comecei logo como uma adulta. Aos 07 anos de idade, ia pro roçado, limpar mato, com papai e meu irmão. Eu era tão pequena que não podia levar a enxada, meu pai era quem levava. Saía com o escuro de casa, e andava mais de quilômetros por dentro da estrada, por dentro do mato, até chegar no roçado. Quando chegava ,ainda estava escuro. Tínhamos que esperar o sol nascer para clarear, e a gente poder diferenciar o mato do roçado, dos pés de feijão , dos pés de milho. Aí trabalhávamos até o meio- dia, quando já estávamos com muita fome.

Aos doze anos , mamãe me tirou do roçado e me ensinou a costurar. Sai do roçado, mas em compensação, eu costurava todo o dia, de segunda à sexta. Eu costurava para uma loja lá em Nova Cruz. Aí ,eu fiquei em casa fazendo as costuras dela, então pra mim conseguir ganhar um dinheirinho para comprar um sabonete, meu talco, meu desodorante, que meu pai não dava, eu tinha de fazer consertos para os outros no meu horário de folga. Eu fazia à noite com a luz da lamparina , pois não tinha energia elétrica , eu tinha que fazer à noite num horário extra, pra mim poder comprar talco, sabonete e desodorante, essas coisas assim que toda pessoa precisa.

Eu comecei estudar não lembro a idade que tinha, mas era muito pequena. Estudava numa escolinha qualquer, aí depois, minha mãe me tirou , pois ela era muito católica, muito



religiosa, ela não queria me deixar estudar na escola do Estado nem do Município ,então me botou na escola Instituto Irmãs gêmeas , e lá eu terminei o meu 1º grau, e como lá não tinha o segundo grau, só no Estado, mas só tinha à noite,eu tinha quatorze anos, minha mãe não deixava estudar à noite.

Meu pai aprendeu a estudar pedindo a lição a um e a outro. Ia para o roçado com a carta do ABC debaixo do chapéu,quando ele sabia que tinha alguém que sabia ler ,ele pedia que a pessoa ensinasse alguma coisa, que letra era aquela. Assim ele aprendeu a ler e escrever, ele aprendeu assim, ele nunca foi à escola.

Minha mãe nunca foi à escola, não é alfabetizada. Ela teve onze filhos morreram 03, viveram 08 , dois homens e seis mulheres . Eu sou a mais velha.

Meu pai trabalhava na roça, tinha patrão mas, não trabalhava para receber dinheiro. Ele trabalhava pela divisão da colheita; dividia com o dono daquela terra, isso no inverno. No verão ,ele nos levava de madrugada pra olaria pra fazer telha e tijolos. Eu e meu irmão Cassimiro, que era os dois mais velhos, os outros eram todos pequenos. Eu costurava em casa , fazia tijolo; fazia telha ; fazia fornalha ; empilhava os tijolos ; pra fazer a fornalha para queimar os tijolos; amassava barro; para fazer argila; fazia a telha; levava pra fornalha; levava e botava lá pra secar . O mesmo fazíamos com o tijolo.

A roupa de ir pra Igreja era comprida, de manga, saia rodada e blusa de gola. Todo domingo ia pra missa se quisesse ir ou não, ia sempre. Era eu, mamãe e papai, às vezes levava minha irmã maior . Eu ia obrigada. Me botaram numa congregação chamada filhas de Maria, toda vestida de branco, de manga comprida , com uma fita azul com a medalha de Nossa Senhora. Era pra ir pra igreja cantar e rezar, quando o padre ia celebrar a missa naquela parte, nós parávamos para descansar .Tudo vestido igual ,todas de branco com a fita azul e a medalha. E eu ia obrigada, eu não queria, eu sempre fui uma pessoa que não queria ser dominada, que

alguém mandasse em mim . Quando eu botava alguma coisa na cabeça eu tinha que fazer aquilo, caso contrário eu ficava muito contrariada. Eu fazia o que me mandava, mas contrariada. Eu nunca fui a uma festa, eu adoro ver as pessoas dançarem, acho lindo ,mas nem festa religiosa eu podia ir. Eu só podia ir para à igreja , ia à missa ,era com ele . Eu rezava ali na frente deles, eu não podia me ausentar da igreja.

Meu pai e minha mãe nunca acreditaram no que eu dizia,nem eu nem os meus irmãos. Levei muita surra por causa disso,sempre a palavra que valia era a de fora. Levei muita surra injustamente,eu ficava revoltada ,apanhava inocente ,sem poder me defender, pela criação que tive. Eu não tive amiga, meus amigos eram só meus irmãos em casa,, não brincava nem na calçada pra filho de ninguém se encostar perto da gente. Nós brincávamos dentro de casa , quando podíamos brincar muito, quando pedíamos pra sair e brincar na calçada , papai misturava um saco de feijão e um cadê milho num canto de parede e colocava eu e Cassimiro ,que era o mais velho depois de mim,pra gente separar .Era o nosso castigo, ocupar o tempo da gente para não querer brincar.

Demorei a terminar o meu 1 grau, porque ele me tirava da escola por qualquer coisa. Era eu só imaginar qualquer coisa , que ele me tirava o ano todo da escola e me levava pro roçado e pra olaria para fazer tijolos.

Me casei na década de sessenta, eu casei sem querer ,fui obrigada, tinha vinte anos .Casei me sentindo mau, naquela época tinha uma historia de dizer fulano fez mal a filha de sicrano, aí pronto, era casamento na certa,que ele quizesse casar ou não. Foi isso que aconteceu comigo, não que me tivessem feito mal , o mal foi feito depois do casamento. Teve alguém que disse à minha mãe e ela acreditou, ela nunca acreditava em mim, só as pessoas de fora eram quem falavam a verdade Então, por isso ,fizeram meu casamento com o rapaz que eu estava namorando, Ainda tentei salvar meu casamento por vinte anos, já tinha casado, estava sem jeito

, mas acabei desistindo, cansei. Hoje estou só há dez anos ,moro só. Desse casamento mal sucedido tive quatro filhos. Hoje, todos estão casados , em suas casas , e eu estou na minha.

Na década de sessenta eu vim à Natal, passar algum tempo , na casa de uma madrinha , que morava no Igapó, vim fazer um tratamento de coluna . Minha madrinha era mais rígida na educação do que meu pai e minha mãe. Ela tinha um filho , um rapaz da minha idade, e ela era rígida demais , não ia rapaz nem moça na casa dela, Ela não queria, botava a gente para dentro, se fosse alguém ela dizia que já estávamos namorando e se olhassem , já estávamos namorando. Ela colocava a gente pra dentro e fechava a porta. Pra gente sair a gente tinha que enganar ela, quando podia, era engano rápido , saída rapidinha .

Toda noite ,ela rezava no batente da porta da cozinha olhando pra maré, pois a casa dela dava prá maré . Ela toda noite colocava uma caixa de margarina com fimo dentro e uma caixa de fósforo. Fumava o fumo todinho rezando. Isso a gente já havia se deitado há muito tempo, quando terminava de fumar a lata de fumo ela ia se deitar.

Conheci a ponte velha, passei por ela,quando eu fui pra lá eu atravessei na ponte velha . Eles já estavam construindo a ponte de concreto , a ponte antiga que era de ferro foi feita há muitos anos atrás pelos holandeses.

Passávamos pela ponte antiga, onde passavam os carros e passava o trem. Quando o trem vinha , tinha um guarda no começo da ponte e outro no final, quando o trem vinha ele dava sinal pro de lá parar os carros, e o de cá parava os carros também. Quando o trem passava, aí ele liberava um lado pros carros ir , e depois fechava pros de lá, e liberava o outro lado. Não tinha mão e contramão, era uma mão só. O povo quando queria passar na ponte, passava do lado numa passarela de dormente .Era seguro. As pessoas passavam a pé , por um lado do outro passavam as pessoas de bicicleta, com animais, mas na lateral , no meio só passavam carros e trens, mas com esses dois guardas com a sinalização deles, ônibus também eram todos os carros.

Desde que eu era criança que eu tinha um sonho, e esse sonho era eu vir a morar em Natal, eu não conhecia Natal, eu só conhecia por ouvir falar, a palavra Natal, eu achava muito linda, e pensava ainda vou morar em Natal, e só consegui isso depois que casei, pois quando casei eu tive mais liberdade, eu passei a usar as roupas que queria, passei a cortar o cabelo, me pintar, pintar minhas unhas, coisas que meus pais não deixavam fazer, eu vim pra Natal sem o meu marido querer. Eu vim, cheguei aqui consegui uma casa no Igapó, essa casa fica ali por trás da Igreja católica do Igapó, o proprietário era o Sr. Neuton Bacurau, ele me alugou essa casa, eu voltei à Nova Cruz, aí vamos convencer a minha família toda, minha mãe com meus irmãos. Meu pai já não estava mais em casa, tinha saído de casa, eu tinha uma irmã que toda vida ela mandava em todo mundo, e ela mandava em mamãe também, ela não é a mais velha, é dos que estão vivos a terceira, foi luta para convencê-los, ela não queria vir, ninguém queria, foi preciso quinze dias para convencê-los a vir morar em Natal. Eu pensava: eu aqui eu não tenho nada pra dar a esse povo, em Natal tem emprego disso ou daquilo outro, todo mundo vai se arranjar. Eu me lembro como se fosse hoje, num dia de segunda-feira aluguei um caminhão e coloquei todos os cacarecos que tinha, que prestava para alguma coisa, meu e da minha mãe em cima do caminhão.

Nessa época era 1970, eu tinha três filhos a mais velha tinha quatro anos, e o mais novo tinha um ano e três meses, colocamos tudo num caminhão e chegamos à Natal em Igapó, de noite, no escuro, Meu marido não quis vir e ficou lá, eu tinha um irmão que já morava aqui em Natal, ajudava a gente, e que me apoiou a trazer todos. Minha mãe pescava aratu, siri e caranguejo no mangue para a gente sobreviver, fazia alguma coisa na casa da minha madrinha. Minha madrinha dava alguma coisa de alimentação, aí as meninas foram arranjando emprego e as coisas foram melhorando, então eu já passei a morar no Bairro do Alecrim, na Rua Antonio Maia, então meu marido viu que eu não voltava mesmo pra Nova Cruz mais de jeito nenhum,

então ele veio. Minhas irmãs conseguiram emprego, a única que não conseguiu emprego fui eu. Minhas irmãs trabalharam na WESTON, na ALPARGATAS , na SISAFE, na Guararapes, a única que não conseguiu emprego fui eu, então fiquei costurando em casa.

O único sonho que eu tenho é um emprego, pra na minha velhice eu ter uma vida mais sossegada, sem tanta preocupação, andei muito batalhei muito, levei carta de vereador, e não consegui , ainda hoje estou desempregada.

Uma recordação boa da minha infância, era brincar com minhas primas, quando minha mãe deixava, tinha que pedir muito. Era quando ela deixava nós brincávamos no quintal de minha casa ,de cozinhado com panelinhas no quintal .Outra coisa que eu gostava de fazer era ir pro quintal, onde tinha um barreiro, chamava-se barreiro . Quando chovia enchia de água, minha mãe criava galinha ,criava pato, e eu me sentava e juntava os patinhos novos , tudinho no colo e me sentava no barreiro , jogava-os lá no meio do barreiro e ficava esperando quando eles subiam. Assim quando ele subia eu jogava outro. Isso sem mamãe nem saber, nem sonhar.

As coisas mudaram muito, na minha época na minha casa eu não podia falar a palavra namoro, minha leitura em casa era controlada por meu pai e minha mãe, minha mãe não sabia ler, mas quando ela pegava alguma coisa que eu estava lendo, ela mostrava pra meu pai , e meu pai era quem tomava a decisão e dizia se era coisa errada ou não. Na época, era romance, capricho que eu lia . Eu escondia debaixo do colchão da cama, pra mamãe não ver. Me lembro como se fosse hoje, uma amiga, não era bem amiga que eu não tinha amizades, e tinha dificuldades de fazê-las por causa da criação que eu tive. Essa pessoa fazia curso de enfermagem e me emprestou um livro de enfermagem, onde tinha o corpo humano , com figuras, sadias e do corpo humano doente, doença tal e tal com detalhes da doença, mamãe pegou esse livro ,e eu quase morro, pois era o livro da menina. Ela folheou o livro, viu as fotos,pois ela não sabia ler e mostrou a papai. Ele olhou , folheou o livro, que era muito grosso

leu algumas coisas. Eu não sei o que deu na mente dele que ele deixou, ele disse: Não Rita ,esse livro ela pode lê. Aí eu respirei aliviada pelo livro da menina , eu então , porque ele deixou eu lia na sala , lia no corredor, lia em todo canto.

A recordação mais ruim da minha vida foi a dia do meu casamento, até hoje eu não gosto da cor do vestido do meu casamento, era bege fui eu mesma quem fiz.

Eu queria dizer que devido os meus pais me obrigarem a fazer coisas que eu não queria fazer, eles me obrigaram a ir à igreja em todas as horas que eles quizessem , que eu fiquei com trauma de entrar em igreja. Hoje eu não tenho coragem de trocar de roupa para ir a uma igreja, eu sei que Deus existe, que Deus é bom e eu sempre digo que ele vai me ouvir sem precisar que eu vá numa igreja . Ele vai me ouvir na rua , num banco de praça, e até mesmo dentro de minha casa. Sem precisar ir a uma igreja.

O dito é verdade e dou fê.

---

Francisca Cassimiro de Lima

Natal, 22 de novembro de 2004.